



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
CAMPUS AVANÇADO DE PATU – CAP
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS/DLV
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS LÍNGUA PORTUGUESA E
RESPECTIVAS LITERATURAS**

JHENYPHER FERREIRA DANTAS

**A CONSTRUÇÃO DA PERSONAGEM GERTRUDES ENQUANTO *BRUXA* EM O
REMORSO DE BALTAZAR SERAPIÃO, DE VALTER HUGO MÃE**

PATU
2022

JHENYPHER FERREIRA DANTAS

A CONSTRUÇÃO DA PERSONAGEM GERTRUDES ENQUANTO *BRUXA* EM O
REMORSO DE BALTAZAR SERAPIÃO, DE VALTER HUGO MÃE

Monografia apresentada à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN – Campus Avançado de Patu – CAP, Departamento de Letras Vernáculas, como requisito obrigatório para a obtenção do título de licenciada em Letras – Língua Portuguesa e Respectivas Literaturas.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Annie Tarsis Morais Figueiredo

PATU
2022

© Todos os direitos estão reservados a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do(a) autor(a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu(a) respectivo(a) autor(a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

D192c Dantas, Jhenypher Ferreira
A CONSTRUÇÃO DA PERSONAGEM GERTRUDES
ENQUANTO BRUXA EM O REMORDO DE BALTAZAR
SERAPIÃO, DE VALTER HUGO MÃE. / Jhenypher
Ferreira Dantas. - Patu, 2022.
48p.

Orientador(a): Profa. Dra. Annie Tarsis Morais
Figueiredo.

Monografia (Graduação em Letras (Habilitação em
Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas)).
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Personagem bruxa. 2. Gertrudes. 3. Mulher. 4. Idade
Média. 5. Literatura Portuguesa Contemporânea. I.
Figueiredo, Annie Tarsis Morais. II. Universidade do
Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

JHENYPHER FERREIRA DANTAS

A CONSTRUÇÃO DA PERSONAGEM GERTRUDES ENQUANTO *BRUXA* EM O
REMÓRDO DE BALTAZAR SERAPIÃO, DE VALTER HUGO MÃE

Monografia apresentada ao Departamento de Letras Vernáculas - DLV, do *Campus* Avançado de Patu – CAP, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, como requisito obrigatório para a obtenção do título de licenciado em Letras, com habilitação em Língua Portuguesa e Respectivas Literaturas.

Aprovada em: 27/09/2022.

Banca Examinadora

Annie Tarsis Morais Figueiredo

Prof^ª. Dr^ª Annie Tarsis Morais Figueiredo
(Orientadora)
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN

Francisca Lailsa Ribeiro Pinto

Prof. Ma. Francisca Lailsa Ribeiro Pinto
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN

Sidileide Batalha do Rêgo

Prof. Ma. Sidileide Batalha do Rêgo
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN

AGRADECIMENTOS

A graduação foi um momento da minha vida que vai ficar marcado para sempre em minha memória. Aprendi coisas inimagináveis, conheci pessoas incríveis com quem pude dividir essa etapa, e tudo que vivi durante esses anos ajudou a me fortalecer como pessoa, a amadurecer minhas ideias e pensamentos. Confesso que quando iniciei na graduação não tinha muitas expectativas, porém no decorrer do curso, passei a amar e a admirar cada vez mais. Não é apenas uma simples formação, mas um ensinamento para a vida diante de tantos temas importantes que são abordados e discutidos.

Dessa forma, início agradecendo primeiramente a Deus, a quem me acompanhou fielmente não só na graduação, mas em toda minha vida, sempre me impulsionando nas minhas decisões, do momento em que decidi me dedicar a esse curso e apesar das dificuldades, nunca me deixou desistir, estando comigo até este momento e sei que Ele não vai parar por aqui, pois, um ciclo de vida para outro se inicia e eu conto com Ele para isso.

Agradeço também a minha família, a minha mãe, Neuzilene, meu pai, Neto e meu irmão, Jonatthan, que também nunca me deixaram na mão, sempre apoiaram minhas decisões e com a ajuda deles, pude me tornar a pessoa que sou hoje. Agradeço também a meu namorado Samuel, pois ele acompanhou de perto todas as minhas angústias, frustrações, dramas, mas também os bons momentos no decorrer da graduação e nunca deixando de me incentivar e me apoiar em todos esses momentos.

Agradeço também aos amigos, em específico ao grupinho que a UERN colocou em meu caminho, tenho certeza que não tinha como ser melhores, são eles: minha amiga de infância, Wênia, que esteve comigo não só na graduação, mas desde o ensino fundamental aguentando os meus dramas, mas também dividindo ótimos momentos; Severino, que tira meu juízo (não posso negar que também tiro o dele), mas a quem tenho um enorme carinho; Ítalo, o cantor do grupinho e um amigo pra todas as horas; Thauan, sempre disposto a ajudar todos a qualquer momento; Jéssica, que apesar de ter trilhado outro caminho, foi um enorme prazer ter tido a oportunidade de conhecê-la; e Willian, nunca vou esquecer desse presente que a graduação me proporcionou.

Gratidão a minha orientadora Annie que foi primordial para que eu pudesse escolher essa área a ser trabalhada. Ter o prazer de receber contribuições de uma professora excepcional, portadora de um conhecimento de se admirar e fonte de inspiração para muitas pessoas, inclusive para mim, é muito gratificante, não tenho palavras que possam expressar e nem definir esse sentimento. Só agradecer por toda contribuição, ensinamento, conversas, puxões de orelha (em um bom sentido) rs, e dizer que sem tudo isso eu não teria chegado até aqui. Foi de grande importância para a minha formação e tenho certeza que ainda vai proporcionar esse mesmo sentimento que se faz presente em mim, para várias pessoas.

Agradeço também a UERN e ao *Campus* Avançado de Patu por cada oportunidade concedida. A professora e diretora do CAP, Cláudia Tomé, por todo carinho, dedicação e por sempre presar pelo bem-estar de todos os alunos e aos demais funcionários que fazem parte do *campus*. Gratidão a professora Luciana que nos acompanhou desde o projeto e foi essencial para que tudo pudesse ser realizado, e também aos demais professores que nunca irei esquecer, Leidiana Alves, Lailsa Ribeiro, Sidileide Batalha, Aline Inhot, Sanzio Mike, Sueli Timóteo, Beatriz Pazini, que proporcionaram ensinamentos primordiais para a minha formação enquanto graduanda de Letras.

Minha banca examinadora, profa. Lailsa Ribeiro e prof. Sidileide Batalha, gratidão por aceitarem o convite para fazerem parte da minha banca e tirarem um tempinho para leitura e análise do meu trabalho de forma tão enriquecedora. Um momento de grande importância na minha vida, por isso só tenho a agradecer e desejar muito sucesso na vida de cada uma.

“O que se tornará o mundo se nossas mulheres tiverem medo? Ele desmoronará! O céu cairá e as estrelas que o constelam vão se misturar à poeira das estradas! Você, medo? De quê?”
(CONDÉ, Maryze, 2019, p.55).

RESUMO

O presente trabalho visa analisar como a personagem Gertrudes tornou-se um símbolo de poder e resistência na época medieval ao apoderar-se do título de *bruxa* na obra *o remorso de baltazar serapião* (2018), de Valter Hugo Mãe. As mulheres julgadas como *bruxas*, que tanto a história quanto a imaginação coletiva as mistificaram, foram torturadas, violentadas e queimadas vivas para ressaltar a sociedade o perigo de possuir conhecimentos que estivessem acima ou que fossem contra a Igreja ou outras instituições dominantes. A aversão e o ódio contra as mulheres que as levaram à fogueira na Idade Média, são os mesmos afetos que hoje levam ao feminicídio. Sendo assim, a luta da mulher do tempo presente é uma continuidade da antepassada, combatendo os preconceitos que ainda rodeiam o gênero feminino na tentativa de inferiorizá-las. De modo a captarmos tais aspectos que envolvem a construção da personagem Gertrudes enquanto *bruxa* em um contexto medieval foi necessário entendermos o simbolismo do poder e das resistências das mulheres na época medieval, compreendermos a postura de insubordinação da personagem ao poder masculino e identificarmos as consequências de ir contra o sistema político-econômico e moral medieval (clero e nobreza). Para isso, se fez necessário buscarmos autores que abordam as questões do controle do corpo feminino pelo Estado, tratando das mudanças que ocorreram na vida das mulheres na transição do feudalismo para o capitalismo e a grande caça às *bruxas*, como: Federici (2017; 2019a; 2019b) e Le Goff e Truong (2006); já ao que se refere a categoria personagem e a visão dos estudos literários, Eagleton (2019), Durão (2015), Barbosa (1988) e Candido (2006). Isto posto, nosso trabalho é de caráter qualitativo e bibliográfico, pois faz a união de fragmentos literários articulados a teoria para melhor entendimento e reflexão do objeto de estudo. Dessa maneira, esta pesquisa estuda como a personagem Gertrudes se fortalece enquanto figura autônoma e autêntica no decorrer da narrativa, pois, apodera-se do título de *bruxa* e utiliza dos seus conhecimentos e dons para se fortalecer perante uma sociedade patriarcal que condenava as mulheres à morte por não seguirem os valores e princípios impostos pelo cristianismo e pelo patriarcalismo.

Palavras-chave: Personagem bruxa; Gertrudes; Mulher; Idade Média; Literatura Portuguesa Contemporânea.

ABSTRACT

The present work aims to analyze how the character Gertrudes became a symbol of power and resistance in medieval times when she seized the title of *witch* in the work *o remorso de baltazar serapião* (2018), by Valter Hugo Mãe. The women judged as *witches*, which both history and the collective imagination mystified them, were tortured, raped and burned alive to point out to society the danger of possessing knowledge that was above or against the Church or other dominant institutions. The aversion and hatred against women that led them to the bonfire in the Middle Ages are the same affections that today lead to femicide. Therefore, the struggle of women in current times is a continuity of the ancestor, fighting the prejudices that still surround the female gender in an attempt to make them inferior. In order to capture such aspects that involve Gertrude's character construction as a *witch* in a medieval context, it was necessary to understand the symbolism of power and resistance of women in medieval times, to understand the character's insubordination posture to male power and to identify the consequences of being against the medieval political-economic and moral system (clergy and nobility). For that reason, it was necessary to be based on authors who address the issues of the female body control by the State dealing with the changes that occurred in women lives in the transition from feudalism to capitalism and the great *witch-hunt*. Such as: Federici (2017; 2019a; 2019b) and Le Goff and Truong (2006); and in relation to the character category and the literary studies vision, Eagleton (2019), Durão (2015), Barbosa (1988) and Candido (2006). Through this, our work has a qualitative and bibliographic character, as it brings together literary fragments articulated with theory for a better understanding and reflection of the study object. Consequently, this research made us understand how Gertrude is strengthened as an autonomous and authentic character in the narrative course. Besides that, she takes over the title of *witch* and uses her knowledge and endowment to strengthen herself in the face of a patriarchal society that condemned women to death for not following the values and principles imposed by Christianity and patriarchy.

Keywords: Witch character; Gertrudes; Women; Middle Ages; Contemporary Portuguese Literature.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 CAPITULO 1 – UMA LEITURA DO IMAGINÁRIO ALEGÓRICO DA BRUXA EM O REMORSO DE BALTAZAR SERAPIÃO	14
2.1 A personagem <i>bruxa</i> em <i>o remorso de baltazar serapião</i> : um olhar contemporâneo	15
2.2 Caça às <i>bruxas</i> e caça às mulheres: a demonização	20
3 CAPITULO 2 – A VIVÊNCIA DA PERSONAGEM GERTRUDES: REPENSANDO A BRUXARIA	29
3.1 A construção do feminino na Idade Média de Valter Hugo Mãe: mulher e corpo	30
3.2 A <i>bruxa</i> Gertrudes: aceitação da alcunha, transformação e resistência.....	37
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
REFERÊNCIAS	47

1 INTRODUÇÃO

Estudar a literatura portuguesa, especificamente, o romance contemporâneo, é adentrar em um universo que possui uma grande relevância histórica e que contém inúmeras críticas sociais, principalmente quando se fala em um romance que se passa na Idade Média, o que possibilita diversas abordagens para os estudos literários. O presente estudo partirá da obra literária *o remorso de baltazar serapião* (2018), de Valter Hugo Mãe, que recebeu o Prêmio Literário José Saramago em 2007, descrito pelo próprio José Saramago como “um tsunami linguístico, estilístico, semântico, sintático. Um tsunami num sentido não destrutivo, mas pelo ímpeto da força” (MÃE, 2018, p. 11). Esse romance pertence a safra dos trabalhos escritos em minúscula onde em nenhum momento ele faz uso das letras maiúsculas, desde o seu próprio nome. Segundo o autor angolano, radicado em Portugal, Valter Hugo Mãe, é uma forma de aproximar o texto escrito da linguagem oral.

O romance *o remorso de baltazar serapião* foi publicado pela primeira vez no ano de 2006 e conta a história da família Serapião ou os Sargas, que foram assim intitulados devido o patriarca da família possuir uma afeição por uma vaca chamada Sarga, tratando-a como se fosse da família. Devido as pessoas não conseguirem compreender esse carinho, surgiram boatos que essa vaca teria gerado os seus filhos e assim ficaram marcados por essa história. O romance gira em torno do protagonista Baltazar, a quem se remete o título do livro, que de maneira autodiegética, narra a sua própria jornada, compartilhando a sua rotina e, até mesmo, os seus próprios pensamentos que reflete a uma cultura extremamente machista e patriarcal. Sendo assim, o livro apresenta diversas temáticas importantes a serem destacadas, dentre elas, a violência contra as mulheres e como elas eram submetidas a viver na Idade Média recriada na obra.

A temática selecionada para esta pesquisa foi escolhida a partir da perspectiva da personagem Gertrudes, enquanto figura de poder em um contexto medieval. Gertrudes se opunha às forças dominantes e possuía saberes que para o sistema era uma afronta, pois, segundo as crenças, as *bruxas* detinham poderes malignos que ameaçavam a todos. A figura feminina Gertrudes, que lutava pela liberdade de escolha e pela igualdade de gênero, mostrando a sua força para a sociedade, teve

sua imagem vinculada a simbolismos e estereótipos que consolidavam ainda mais o patriarcado.

A Igreja, por muito tempo, possuiu um forte controle dos corpos, dos comportamentos e dos pensamentos femininos, onde recai no tempo presente. No entanto, naquela época, para as mulheres que possuíam domínio dos seus corpos e eram vastas de conhecimentos, sendo elas curandeiras, parteiras, inventoras, contadoras de história, artistas, que por exemplo, sabiam usar diversos tipos de ervas para fins medicinais, logo recebiam a alcunha de *bruxas*, mulheres do diabo, pecadoras ou feiticeiras. Isso acontecia porque tais mulheres não queriam casar e ter filhos e almejavam o direito sobre seus corpos e poder escolher como viver da forma que quisessem, sendo livres e independentes sem que fossem limitadas aos estereótipos e às diversas maneiras de depreciação.

Partindo de tais perspectivas, nossa pesquisa analisa como a personagem Gertrudes se torna um símbolo de poder e resistência na época medieval ao apoderar-se do título de *bruxa*. Para isso, será necessário entendermos o simbolismo do poder e das resistências das mulheres na época medieval, compreendermos a postura e insubordinação da personagem ao poder masculino e por último identificarmos as consequências de ir contra o sistema político-econômico e moral medieval (clero e nobreza).

As mulheres tidas como *bruxas*, que tanto a história quanto a imaginação coletiva as mistificaram, foram torturadas, violentadas e queimadas vivas como forma de mostrar para as pessoas o perigo de possuir conhecimentos que estivessem acima ou que fossem contra a Igreja ou outras instituições dominantes. O medo causado por esse poderio, fazia com que as pessoas repensassem antes de se rebelar contra esses sistemas. A busca pela liberdade em uma época que as mulheres não possuíam domínio do seu próprio corpo e assumir-se como *bruxa* era tornar-se alvo de violência e tortura. Sendo assim, nossa hipótese é de que os fatos experienciados pela personagem no decorrer do romance, de como ela enfrentava e não aceitava o que lhe era imposto por ser uma mulher, mostrando seus conhecimentos, seus dons e como era dotada de inteligência, tornaram-se muito importantes para o seu fortalecimento enquanto figura autônoma e autêntica.

Isto posto, a presente pesquisa consistirá em um estudo crítico, analítico-interpretativo visando ler e compreender sobre os aspectos da mulher enquanto *bruxa* por meio da análise do texto literário com a junção das teorias selecionadas para

embasar nossa perspectiva. Sendo assim, este trabalho é de caráter exploratório, explicativo e bibliográfico, que busca esclarecer de modo a analisar a personagem Gertrudes enquanto símbolo de resistência em um contexto medieval na obra *o remorso de baltazar serapião*, de Valter Hugo Mãe como *corpus* a ser utilizado. A metodologia aplicada será de cunho qualitativo, uma vez que, não precisa de dados estatísticos para alcançar os resultados.

Diante disso, para ajudar a embasar tais aspectos mediante ao recorte temático a ser utilizado, a nossa pesquisa terá como aporte teórico, dentre os quais podemos mencionar: Eagleton (2019), apresentando a categoria personagem; Durão (2015), Barbosa (1988) e Candido (2006), na visão dos estudos literários; Federici (2017), tratando das mudanças que ocorreram na vida das mulheres na transição do feudalismo para o capitalismo, o controle do corpo feminino pelo Estado e a grande caça às bruxas; Federici (2019a), na perspectiva do reconhecimento das mulheres como principais responsáveis da reprodução de uma comunidade; Federici (2019b), reforçando o olhar sobre a caça às bruxas na Idade Média aos dias atuais; Russeal (2019), trazendo alguns aspectos da história da bruxaria; Kramer e Sprenger (1486), da caça às bruxas do ponto de vista dos inquisidores; Le Goff e Truong (2006), sobre a história do corpo e a mulher subalternizada na Idade Média, e alguns outros olhares como Perrot (2007); Duby (1982), além da leitura e análise interpretativa do romance selecionado como *corpus* desta pesquisa.

A estrutura da nossa pesquisa será dividida em dois capítulos teóricos-analíticos, o primeiro intitulado por “Uma leitura do imaginário alegórico da bruxa em *o remorso de baltazar serapião*”, na qual falaremos de maneira introdutória sobre o imaginário coletivo, como a Igreja influenciou e ainda influencia no pensamento das pessoas ocasionando a caça às bruxas que ocorreu na Europa no período da inquisição. O capítulo foi dividido em dois tópicos: 2.1 “A personagem bruxa no romance contemporâneo”, nele analisaremos como a personagem Gertrudes foi construída pelo escritor Valter Hugo Mãe e a sua importância como mulher/bruxa na narrativa; e no 2.2 “Caça às bruxas e caça às mulheres: a demonização” abordaremos sobre o que motivou a caça às bruxas e o porquê de as mulheres terem sido o principal foco desse acontecimento.

O segundo capítulo intitulado “A vivência da personagem Gertrudes: repensando a bruxaria” comentaremos sobre as contribuições da literatura, fazendo uma breve introdução do capítulo que também dividido em dois tópicos: 3.1 “A

construção do feminino na Idade Média de Valter Hugo Mãe: mulher e corpo” abordaremos como a mulher foi inferiorizada e julgada através da imagem de Eva e do pecado original, a idealização da mulher através da virgem Maria e também, falaremos um pouco sobre o corpo feminino visto como máquina de reprodução devido a privatização das terras comunais; e por fim, no 3.2 “A *bruxa* Gertrudes: aceitação e resistência” analisaremos a jornada da personagem Gertrudes enquanto figura autônoma e autêntica e como ela se fortalece no decorrer da narrativa como mulher e *bruxa* em uma Idade Média.

Valter Hugo Mãe constrói a personagem feminina Gertrudes que possui um papel de grande importância no romance, pois, se torna um símbolo de poder por ser uma das únicas, descritas na obra, a ir contra a vida de extrema violência e exploração. Gertrudes foi mistificada como *bruxa* por possuir saberes e conseguiu sobreviver ao ter sido queimada viva, o que consolidou ainda mais os estereótipos que lhes eram atribuídos, de mulher pecadora e diabólica. É importante destacar que o interesse para estudarmos as narrativas do Angolano Valter Hugo Mãe se deu a partir do Programa de Iniciação Científica (PIBIC) do CAP/UERN, mediante o projeto com o seguinte título “*Entre prazeres ínfimos e pequenos nada*”: um estudo sobre comunidade e política de vida na prosa contemporânea de língua portuguesa. Sendo assim, a motivação pela escolha do *corpus* se deu também pela marcante e surpreendente leitura que prende o leitor até o fim, causando uma grande inquietação pelas marcas de brutalidade e violência trazida na obra. Diante do exposto, ressaltamos a importância desta pesquisa por se tratar de uma temática pouco abordada e por dar continuidade as pesquisas relacionadas a obra *o remorso de baltazar serapião*, contribuindo também com os estudos referentes aos escritos de Valter Hugo Mãe.

2 UMA LEITURA DO IMAGINÁRIO ALEGÓRICO DA *BRUXA* EM *O REMORSO DE BALTAZAR SERAPIÃO*

Em toda sociedade há grupos de pessoas e nesses grupos existe o imaginário coletivo, mais especificamente, há ideias, símbolos, costumes mais comuns para as pessoas que pertencem a uma dada sociedade. Na Idade Média não seria diferente, como a Igreja era a principal instituição de poder, era ela quem denominava os costumes e como as pessoas deveriam pensar e agir. Mostravam o que era certo e errado e controlavam o conhecimento das demais pessoas, com o intuito de não causar questionamentos e revoltas contra os dogmas impostos.

Hoje, a sociedade possui mais liberdade para escolher como deseja viver, seja escolher sua religião, se deseja casar, ter filhos e a sua sexualidade. Porém, mesmo tendo o direito de escolha, ainda sim existe imposições religiosas que interferem no direito legal das pessoas, seja, a legalização do aborto, casamentos homossexuais, doação de sangue, de órgãos, vestimentas, etc. Nesse sentido, observamos na narrativa de Valter Hugo Mãe, temáticas muito importantes e necessárias para se discutir, sendo elas a violência contra as mulheres, a caça às *bruxas*, a degradação do corpo feminino, crenças diabólicas, dogmas religiosos, entre muitas outras temáticas que esse romance possibilita discutir.

Dessa maneira, abordaremos neste capítulo conceitos que irão contribuir para a análise do romance, ajudando-nos a entender melhor sobre o contexto em que se passa a obra e algumas temáticas que o envolve. Para isso, dividimos esta seção em dois tópicos. No primeiro, entenderemos como Valter Hugo Mãe constrói a personagem Gertrudes no contexto medieval durante os acontecimentos, visando mostrar também sua importância na narrativa em relação as temáticas que a envolve. Pensar em Gertrudes é pensar nas mulheres que foram mistificadas como *bruxas* por possuir conhecimentos proibidos, como por exemplo, a utilização de ervas para diversos fins que feriam as novas normas impostas pelo clero e pela nobreza. Outro ponto a ser destacado é sobre o domínio que essas instituições de poder, especificamente a Igreja católica, possuíam sobre os corpos femininos, que influenciavam diretamente nos seus comportamentos e pensamentos perante a sociedade.

No segundo tópico, trataremos da grande caça às *bruxas* ou a grande campanha contra as mulheres, o que acarretou a impiedosa onda de extermínio e o porquê das mais prejudicadas com essa onda de perseguição terem sido as mulheres

em específico. Entender também, como essas mulheres portadoras de saberes, que almejavam sua liberdade e poder de escolha, podiam ferir de alguma forma os interesses das grandes instituições de poder.

2.1 A personagem *bruxa* em o *remorso de baltazar serapião*: um olhar contemporâneo

Gertrudes é uma personagem fictícia criada pelo escritor Valter Hugo Mãe, em que o autor constrói uma mulher *bruxa* posta em um medievo recriado em seu romance. Nesse período, as mulheres eram tratadas como inferiores e possuíam a reputação que já nasciam amaldiçoadas apenas por serem mulheres, “mas não por deus, que despreza as mulheres e as manchou de pecado, mas pelo diabo, à espreita do corpo delas a tentar agarrar-nos a alma a partir da ponta do badalo, dizia-lhe” (MÃE, 2018, p. 68). Nada que as mulheres dissessem ou fizessem era levado em consideração, afinal, acreditavam que tudo que falavam era “besteira de mulheres” e servia apenas para desvirtuar os homens.

Antes de adentrarmos ao universo das *bruxas*, entendendo um pouco do contexto histórico e a construção dessa personagem na narrativa, é importante conhecermos um pouco sobre o significado dessa palavra. De acordo com o dicionário Houaiss (2009) da língua portuguesa, o próprio significado da palavra *bruxa* remete a uma mulher que tem fama de utilizar de supostas forças sobrenaturais para causar malefícios as pessoas através da feitiçaria. Refere-se também a uma mulher muito feia e mal-humorada que faz uso da bruxaria, magia, rituais, feitiços, entre outras práticas consideradas diabólicas. É importante entender que esse significado está ligado diretamente a história, em que foi criado e enraizado um pensamento coletivo de um mito em que as *bruxas* estariam ligadas supostamente a atos macabros que aconteciam sem explicações com pessoas, animais, lugares, plantas, etc.

Partindo para a categoria personagem, esta possui uma grande relevância para o universo da ficção, pois, é pela sua trajetória, experiência e variedade de pontos de vista que o leitor vai poder vivenciar a história. No entanto, como Terry Eagleton (2019, p. 38) destaca, a personagem “só existe enquanto alguém está lendo ao seu respeito. Se não houver ninguém lendo a seu respeito num determinado momento [...], ela cai na não existência”, tendo em vista que a personagem vive em um texto e quem faz a relação da personagem com a narrativa é o próprio leitor. Fabio Akcelrud Durão (2015, p. 3) enfatiza essa perspectiva sobre as obras literárias que “somente existem

quando lidas, ou, melhor, quando inseridas em um ato, seja o da leitura, seja o da escrita”, pois como um texto é um conjunto de palavras que não possui existência própria é o sujeito leitor/escritor que atribui significado a ele.

Antes de analisar uma personagem em uma obra literária é preciso compreender como ela está sendo construída e o contexto em que está inserido para entender o seu papel na narrativa. Nesse sentido, Eagleton (2019) traz algumas observações:

Também precisamos examinar as técnicas com que se monta um personagem. Será uma figura literária específica apresentada simplesmente como um tipo ou um símbolo, ou possui uma sutil psicologização? É tratado a partir de dentro ou visto da perspectiva dos outros personagens? É coerente ou contraditório, não muda ou evolui, tem contornos claros ou indistintos? Os personagens são vistos globalmente ou ficam reduzidos às funções do enredo? São definidos por meio de suas ações e relações ou assomam como consciências desencarnadas? Nós os sentimos como presenças físicas vívidas ou essencialmente verbais, prontamente captáveis ou cheios de recônditos segredos? (EAGLETON, 2019, p. 38).

É importante compreender essa construção, especificamente quando um personagem é narrado por outro, tendo em vista que, ele pode trazer perspectivas pessoais e jogos de ideias para poder influenciar ou confundir o leitor na formação do seu pensamento em relação a ele, como é o caso da personagem analisada. Gertrudes é descrita a partir da perspectiva do personagem protagonista e narrador da história Baltazar Serapião, que devido a sua criação e a forma como via diariamente o seu pai tratar a sua mãe, fez com que ele crescesse e internalizasse uma ideia errônea sobre as mulheres:

a minha mãe deixava de falar comigo e com o aldegundes, porque lhe saiam coisas de mulher boca a fora, e barafustar, como fazia, era encher os ouvidos dos homens com ignorâncias perigosas. uma mulher é ser de pouca fala, como se quer, parideira e calada, explicava o meu pai, ajeitava nos atributos, procriadora, cuidadosa com as crianças e calada para não estragar os filhos com os seus erros (MÃE, 2018, p. 25).

Um ensinamento que foi passado de pai para filho por muitas gerações. A mulher sendo inferiorizada, silenciada e desqualificada com o intuito de conter o seu poder e enfraquecê-las. Por esse motivo Baltazar era extremamente violento e misógino, uma maneira de mostrar poder e domínio, principalmente sobre sua esposa, e o jeito como ele pensava e tratava as outras personagens já dizia muito sobre a credibilidade desse narrador-protagonista, fazendo com que o leitor desconfie do que está sendo dito por ele, visto que, não é um narrador confiável. Dessa maneira, Eagleton (2019,

p. 57) enfatiza que “em boa parte das obras modernistas, pode-se dizer que o verdadeiro protagonista é não este ou aquele personagem, mas a própria linguagem”, que muitas vezes cria armadilhas com o intuito de induzir o leitor incauto a acreditar no que está sendo exposto.

Nesse sentido, João Alexandre Barbosa (1988, p. 17) diz que “o leitor de hoje que já passou pela experiência da literatura que se alimenta de jogos significantes, amplia a semântica irônica do texto e, portanto, acrescenta-lhe outros significados”. Dessa forma, é relevante compreender os jogos significantes, pois os elementos que são captados a partir da leitura, sejam eles sociais, históricos e/ou psicológicos, são necessários para dar significado a narrativa e também a construção da personagem.

O leitor precisa estar atento em qual é a intenção do narrador-personagem, é necessário saber distinguir se realmente acontece daquela forma, ou se está sendo induzido a acreditar que seja de tal maneira, já que tudo passa da forma que esse personagem narra. É importante indagar-se sobre o que esse narrador quer que o leitor acredite, afinal, ele traz pontos e guia o leitor através do caminho mais favorável a ele, mostrando até os seus próprios pensamentos. É indispensável a neutralidade na posição de julgar as atitudes de um determinado personagem. Nesse sentido, nota-se como Gertrudes era vista aos olhos do narrador no trecho em que os dois dialogam:

tenho medo das falas tuas, já to disse, não acho que sejas pior do que outras mulheres, mas és diferente, e monstruosa como estás ainda mais me arrepiava aquilo que digas. desfiguraram-me, os filhos de uma cão, já velha, me bastava a fealdade. E eu disse, e agora nada te será fácil para pareceres uma mendiga qualquer. queimada como estás, vão suspeitar de troco a que te amarraram e vão querer saber porquê. (MÁE, 2018, p. 128-129).

Baltazar enxergava em Gertrudes uma figura poderosa e horripilante que causava medo a ele. Ela era poderosa não somente por seus dons de feitiçaria que Baltazar acreditava que ela tivesse, mas porque ela tinha uma força a ser temida, uma resistência ao simples fato de não ceder ao poder masculino. Gertrudes é descrita como um monstro e recebeu a alcunha de *bruxa* devido aos seus conhecimentos naturais com ervas, plantas, encantamentos e também por desejar uma vida livre de marido e filhos. Após a queima na fogueira a sua imagem passou a ficar desfigurada, fortalecendo ainda mais o estereótipo de *bruxa* que lhe era atribuído, de mulher feiticeira, pecadora, diabólica, que tinha o dom de condenar e amaldiçoar toda sociedade.

O fogo acendido pela Igreja era uma forma de anular todas as pessoas que não se encaixavam com o padrão considerado normativo da raça, como Gertrudes consegue sobreviver ao julgamento e passa a perambular pelo vilarejo com seu corpo queimado, só reforçava para as pessoas que viam aquela imagem o quanto as *bruxas* conseguiam ser poderosas e que não era possível, com todos aqueles dons, elas trabalharem sozinhas, mas sim com a ajuda do diabo. Dessa forma, Valter Hugo Mãe traz nessa personagem um símbolo de poder em meio a tantas personagens femininas na narrativa que não possuíam livre arbítrio, elas eram brutalmente espancadas e violentadas nas mãos dos homens misóginos frutos da época.

Um dos vários momentos em que se pode perceber a extrema violência, é entre Baltazar e a esposa Ermesinda, que por suposições próprias, achava que ela estivesse o traindo, já que ela fazia visitas frequentes a Dom Afonso (o senhor a quem sua família servia). Ermesinda já havia contado o que realmente acontecia nas visitas a Dom Afonso, que eram apenas conversas, o nobre senhor conseguia enxergar beleza em suas palavras, sutilezas que seu próprio marido não conseguia perceber por causa da sua ignorância. No entanto, como nada do que ela falasse seria considerado verdade, ela passou a se calar cada vez mais e aceitar, uma vez que, ter voz não era uma escolha, a única opção era obedecer e se conformar, visto que, naquele contexto, esse ato seria estar cada vez mais próxima da morte. Era muito difícil para Baltazar acreditar que um nobre se permitiria a escutar e a gostar de “coisas de mulheres”, ele já estava convicto que não acontecia somente conversas e que Dom Afonso usava de Ermesinda para satisfazer suas vontades. Ao chegar em casa de uma das visitas que a esposa fez ao nobre senhor, nota-se como Baltazar acreditava que deveria tratar uma mulher e como essa atitude era reflexo dos preceitos morais daquela época, que apoiavam e normalizavam essas atitudes se de alguma forma as mulheres ferissem com os valores de esposa ideal:

e, quando a ermesinda veio, entrou no nosso lado da casa, solta das demoras de dom afonso, preparada para se explicar, sabia eu, e surpresa com a minha aparição gaguejou algo que não ouvi, tão grande foi o ruído de minha mão em sua cara, e tão rápido lhe entortei o corpo ao contrário e lhe dobrei o pé esquerdo em todos os sentidos. que te saiam os peidos pela boca se me voltas a encornar, definharás sempre mais a cada crime, até que sejas massa disforme e sem diferença das pedras ou das merdas acumuladas, e coisa que te entre pelas partes há-de cair e cozinhar-se para jantar. (MÃE, 2018, p. 63).

Percebe-se que não era a primeira vez que isso aconteciam e não seria a última, além das agressões físicas, as ameaças eram constantes e o medo que

Ermesinda sentia dele era visível. Sempre que Ermesinda fazia algo que Baltazar não concordava, ou como uma forma de alimentar o ego por saber que Dom Afonso estava acima dele na hierarquia de poder, ele descontava na esposa para mostrar que pelo menos ela era sua propriedade e por isso poderia fazer o que quisesse. Em meio a tanta brutalidade, a personagem Gertrudes se fortalece como figura autêntica, por ser uma das poucas personagens a não se submeter a viver para os homens, seja seu pai, marido, filhos ou qualquer pessoa que lhe tome sua liberdade.

Apesar de Gertrudes ser uma personagem fictícia, ela simboliza a luta de muitas mulheres que assim como ela foi mitificada como *bruxa*, porém, diferente dela, não tiveram muita sorte diante da fogueira, como por exemplo, a Mima Renard¹ que foi uma mulher franco-brasileira que deixou a França para morar com o marido René no Brasil. Se instalaram na vila de São Paulo e por serem um casal muito bonito, logo começaram a chamar bastante atenção das pessoas que lá viviam, principalmente a beleza angelical de Mima. Porém, um certo dia o marido de Mima foi assassinado e as pessoas passaram a acreditar que ele havia sido morto por alguém que estava interessado por Mima, já que era uma mulher muito interessante, bonita, inteligente e atraía muitos olhares por onde passava.

Ao torna-se viúva, Mima encontrou-se sem dinheiro, teto, alimento e passou a se prostituir para sobreviver. Foi nesse momento que começou a surgir os boatos de que era uma *bruxa*, uma vez que, muitos dos seus clientes eram homens casados, e por isso passaram a inventar que Mima fazia feitiços para seduzir e atrair os homens casados levando eles a pecarem e traírem as esposas. Depois de uma briga entre dois de seus pretendentes que ocasionou a morte de um, passaram a culpá-la pelo acontecimento. Após muitos boatos, Mima foi julgada como *bruxa* e morreu queimada em uma fogueira pública no ano de 1692 em São Paulo.

Diante disso, percebe-se como muitas mulheres foram mortas por causa de boatos que as instituições poderosas ajudaram a construir por não concordarem com as atitudes, apenas por serem mulheres independentes, inteligentes e fortes, mas que feriam os princípios. A reputação da mulher *bruxa* ainda hoje é vista de forma negativa, algumas pessoas ainda se sentem inseguras quando se trata de feitiços, poções,

¹ MALVA, Pamela. Mima Renard, a imigrante francesa acusada de bruxaria no Brasil. AH Aventuras na História. 2020 Disponível em: <<https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/mima-renard-imigrante-francesa-acusada-bruxaria-no-brasil.phtml>> Acesso em: 30 ago. 2022

rituais, ou seja, dos saberes místicos, e ainda vinculam essas mulheres ao diabo. Ver a personagem Gertrudes sendo construída em um romance contemporâneo, abre inúmeros questionamentos e buscas por informações sobre às feiticeiras, ou mulheres de personalidade forte, desconstruindo aos poucos essa imagem de mulher má que foi criada pela cosmovisão cristã que influenciou no pensamento coletivo de uma dada época.

2.2 Caça às *bruxas* e caça às mulheres: a demonização

A primeira aparição da personagem Gertrudes no romance coincide com a sua condenação à fogueira. Tal momento dá início a um tema sobre o cruel e desumano julgamento estabelecido pelo sistema judiciário que nasceu das instituições religiosas. As mulheres que não obedeciam, que questionavam e se revoltavam contra o modo de vida hegemônico sendo denominadas como *bruxas*, eram brutalmente torturadas e queimadas até a morte:

mulher em fogo corria pela praça, se dizia, que estava com tocha a ganir em círculos, e tentada a fugir lhe fechavam os caminhos [...] nós vimos uma mulher em fogo correr campo abaixo em direcção à paisagem e arrepiamos. que mulher a morrer é dor de muito grito e, sem saber quem seria, podíamos acreditar que fosse culpada ou não. uma dúvida poderia aparecer razoável, que estivesse o povo errado e a pobre velha não. (MÃE, 2018, p. 87).

O fogo era acendido pela Igreja Católica com a desculpa de purificar e salvar as almas das mulheres acusadas de heresia. Segundo Jean Chevalier (2007, p. 441) “O aspecto destruidor do fogo implica também [...] um lado negativo; e o domínio do fogo é igualmente uma função diabólica”. A dominação do fogo aparece no momento em que a fogueira é acesa, sendo assim, a negativa da narrativa se faz presente neste momento, onde a ação do fogo e do ódio por parte do poder e do povo se manifestam e misturam-se em um aspecto pesado e denso que carrega o leitor a um misto de sentimentos ao se deparar com tal ato. Uma mulher de idade mais avançada, correndo em chamas em busca da sua liberdade e o seu corpo queimado, resistindo aos dogmas impostos pela igreja, é o símbolo da sua luta contra tudo que caminhasse ao oposto dos seus ideais. O preço da sua resistência custou marcas que para sempre iria carregar consigo, os danos não foram apenas físicos, mas também psicológicos, onde sempre que olhasse para suas cicatrizes, saberia que sua luta ainda não havia chegado ao fim e que haveria de fugir sempre do olhar sanguinário das pessoas que não a aceitavam, pois, sua imagem ia sempre denunciá-la

O comportamento livre, que caminha em oposição às crenças impostas na Idade Média e a relação que as mulheres possuíam com a natureza e os seres vivos que habitam a terra, culminou com a sua associação à bruxaria. No romance, Gertrudes aparece mostrando um feminino livre, deixando transparecer seus saberes e dons, mostrando os benefícios que a natureza podia oferecer para o corpo e como ela poderia ser explorada:

a mulher queimada permitiu-se descer da carroça e sugerir, ervas do chão têm magias da terra para sarar fomes do corpo pelo pó. se o corpo está de maleita e quer acabar para virar pó, só as coisas da terra o podem abdicar, para lhe restituírem prazer de viver e se esquecer de maleita que teve. e juntou as folhas e raízes numa mão, mais unto parecido com matéria de pintar feita pelo aldegundes, e disse, fá-lo comer estas ervas, aqui tem perdão da terra, aqui tem perdão por chamar pela terra, por querer ser pó. maleita acaba-se com isto. (MÃE, 2018, p. 128).

A terra é um elemento que se faz presente em toda natureza, abrigando tudo que nutre os seres vivos do momento do nascimento, até a morte. Segundo Chevalier (2007, p. 879) “A terra simboliza a função maternal: Tellus Mater. Dá e rouba a vida. [...] simboliza a mãe, fonte do ser e protetora contra qualquer força de destruição”, sendo assim, Gertrudes enfatizava como as ervas encontradas na terra possuíam “magias” que poderiam ser utilizadas através da preparação de receitas para curar doenças, também para trazer a harmonia do corpo e da alma através de remédios naturais, incensos, óleos, chás, etc. Porém, isso não acontece misturando várias ervas de forma aleatória, é preciso conhecimento para saber usá-las e entender para que serve cada uma delas. Outro ponto importante é o momento em que Gertrudes junta as ervas, comparando com a tintura que Aldegundes utiliza em suas artes, mostrando que há semelhança entre elas, revelando sutileza, porque assim como suas misturas de ervas curam as maleitas do corpo, as pinturas de Aldegundes curavam as maleitas da alma, já que todos ficavam encantados quando as viam.

As *bruxas*, assim denominadas, que possuíam saberes e queriam fazer suas próprias escolhas de como viver e decidir o que fazer com o seu próprio corpo, tinham sua imagem associada ao diabo, sendo acusadas de terem vendido sua alma para atos macabros e diabólicos. É imensurável como muitas mulheres sofreram com ataques e torturas por consequência das crenças diabólicas, Federici (2017) indaga em *Calibã e a bruxa* que:

Como dar conta de que durante mais de dois séculos, em distintos países europeus, centenas de milhares de mulheres tenham sido julgadas, torturadas, queimadas vivas ou enforcadas, acusadas de terem vendido seu corpo e sua alma ao demônio e, por meios mágicos, assassinados inúmeras crianças, sugado seu sangue, fabricado poções com sua carne, causado a morte de seus vizinhos, destruídos gados e cultivos, provocado tempestades e realizado muitas outras abominações? (FEDERICI, 2017, p. 304).

As *bruxas* eram associadas a muitas atrocidades apenas por possuírem saberes que intimidavam ou podiam vir a ameaçar os interesses das instituições de poder, o que resultou na caça às *bruxas*. As mais perseguidas foram as mulheres de idade mais avançada, assim como Gertrudes, tendo em vista que eram as grandes portadoras dos saberes sobre a comunidade e a natureza e tidas como as mais perigosas. Elas foram torturadas e queimadas vivas como castigo exemplar para mostrar as outras pessoas as consequências das práticas desses atos, já que esses saberes poderiam vir influenciar e desvirtuar as mais novas mostrando-as conhecimentos proibidos, como por exemplo, as ervas abortivas que ia contra as novas ordens que disciplinavam o corpo feminino para o trabalho reprodutivo. Dessa forma, Federici (2017) expõe que:

[...] a caça às bruxas na Europa foi um ataque à resistência que as mulheres apresentaram contra a difusão das relações capitalistas e contra o poder que obtiveram em virtude da sua sexualidade, de seu controle sobre a reprodução e de sua capacidade de cura. A caça às bruxas foi também instrumento da construção de uma nova ordem patriarcal em que os corpos das mulheres, seu trabalho e seus poderes sexuais e reprodutivos foram colocados sob o controle do Estado e transformados em recursos econômicos. (FEDERICI, 2017, p. 305).

A caça às *bruxas* foi o ponto de partida para a transição ao capitalismo que se deu na Idade Média. Foi um ato de terrorismo contra as mulheres e que colocou até mesmo a população contra as *bruxas*, causando medo e revolta, já que esses seres possuíam poderes considerados perigosos para todos. Dessa forma, “o Estado começou a denunciar a existência de bruxa e a tomar a iniciativa de persegui-la”, (FEDERICI, 2017, p. 297). O poderio criou um inimigo com o intuito de ocupar e controlar a mente e as ações da população, fazendo com que esquecessem de cobrar melhorias de vida ou contestar alguns atos considerados duvidosos. Diante de tanto terrorismo, as pessoas também foram influenciadas a denunciar e quem soubesse ou desconfiasse de mulheres que praticavam atos de feitiçaria ou a utilização de ervas para fins proibidos e não denunciasses, também eram punidas, alegando que estavam compactuando com as práticas. Muitas mulheres inocentes também

acabaram morrendo por terem sido denunciadas enganosamente. Federici (2017) afirma que:

A caça às bruxas aprofundou a divisão entre as mulheres e homens, inculcou nos homens o medo do poder das mulheres e destruiu um universo de práticas, crenças e sujeitos sociais cuja existência era incompatível com a disciplina do trabalho capitalista, redefinindo assim os principais elementos da reprodução social. (FEDERICI, 2017, p. 294)

Uma vez que a comunidade camponesa já começava a sentir os impactos do cercamento das terras e as mulheres passaram a ser as mais prejudicadas, gerando revolta contra as novas ordens de trabalho reprodutivo, originando a caça às *bruxas* que foi um recurso essencial da acumulação primitiva. As mulheres, antes de serem queimadas e mortas pelo Estado, eram torturadas sendo obrigadas a assumir a prática dos atos diabólicos, e, como prova, assinavam documentos afirmando que haviam vendido sua alma e que de alguma maneira mantiveram relações com o diabo. O que ajudou a alimentar a caça às *bruxas* foi a perspectiva maniqueísta, uma doutrina religiosa que afirmava existir jogos entre o bem e o mal, ou seja, entre Deus e o Diabo, sendo assim, quem seguia as doutrinas cristãs estaria a salvo, diferente de quem não concordasse com os princípios da igreja, como foi o caso das *bruxas*. Federici (2017) expõe que a caça às *bruxas* foi algo tão grande e bem pensado que demandou uma ampla organização e administração e que foi “a primeira perseguição, na Europa, que usou propaganda multimídia com o objetivo de gerar uma psicose em massa entre a população” (FEDERICI, 2017, p. 299). Compreende-se que para haver um movimento em massa, significou dizer que de alguma maneira as *bruxas* intimidaram a estrutura de poder feudal e patriarcal.

Como dito, a caça às *bruxas* foi um jogo de interesses entre as instituições dominantes e que a privatização das terras foi o ponto de partida para a grande perseguição as *bruxas*, e dessa maneira, havendo relação com a acumulação de capital. Federici (2019b, p. 48) afirma em seu livro *Mulheres e a caça às bruxas* que “[...] a comercialização da terra e o crescimento das relações monetárias afetou, de forma diferentes, mulheres e homens”, as terras que eram de uso comum dos camponeses passaram a ser cercadas para benefício de poderosos senhores locais, sendo as mais prejudicadas as mulheres de idade mais avançada:

As mulheres mais velhas foram as mais afetadas por esses acontecimentos, pois a combinação de alta de preços e perda de direitos consuetudinários as

deixou sem ter de onde tirar o sustento, ainda mais se fossem viúvas e não tivessem filhos e filhas com capacidade ou disposição para ajuda-las (FEDERICI, 2019b, p. 50).

Federici (2019b, p. 62) diz que as mulheres eram acusadas de bruxaria “[...] desde os deslocamentos causados pelo desenvolvimento do capitalismo”. Ou seja, as mudanças que ocorreram na transição para o capitalismo, acabaram destruindo os meios de sobrevivência de inúmeras mulheres, submetendo-as a caridade na busca pela compaixão do próximo:

[...] as mulheres tiveram maior probabilidade de ser vitimizadas porque foram as mais “destituídas de poder” por essas mudanças, em especial as mais velhas, que muitas vezes se rebelavam contra a pauperização e a exclusão social e que constituíam a maioria das acusadas de bruxaria porque a reestruturação da Europa rural no início do capitalismo destruiu seus meios de sobrevivência e a base do seu poder social, deixando-as sem nenhum recurso além da dependência de caridade de quem estava em melhores condições. (FEDERICI, 2019b, p. 62).

Muitas das mulheres acusadas de bruxaria, eram mulheres pobres que fizeram parte do campesinato e perderam acesso as terras. As *bruxas* eram acusadas de encantar animais até a morte, jogar feitiço e amaldiçoar a população local por ressentimento a perda de suas posses, porém, como forma de vingança, faziam pacto com diabo para prejudicar de alguma forma essas pessoas como também para benefício próprio:

[...] a pobreza das bruxas era registrada nas acusações, já que era dito que o diabo ia até elas em épocas de necessidade e lhes prometia que, a partir daquele momento “nunca mais precisariam sofrer privações”, supostamente oferecendo “carne, roupas, dinheiro” e a quitação de suas dívidas. (FEDERICI, 2019b, p. 52).

A *bruxa* Gertrudes carregava consigo marcas do julgamento, e passou também a pedir ajuda às escondidas na vizinhança, já que não tinha outra forma de se manter e passou a fugir do sistema judiciário para sobreviver. Gertrudes resistiu ao ter sido queimada viva em consequência dos seus atos, o que só confirmou as desconfianças da população de mulher feiticeira, pecadora e diabólica. Afinal, não era sempre que se via uma figura completamente em chamas conseguir sobreviver, e as marcas em seu rosto iam para sempre denunciá-la por onde passasse, como percebe-se do trecho:

esse monstro que, nos medos aumentados, de todos, era visto assim e assado, seria assada a mulher queimada. em desespero de fomes ou saudades, vinha às portas das terras por fúria e urgência em demasia, era só ela mesma, aterrorizada em dores permanente, amaldiçoada por convicção que lhe tiveram, mas o ninguém diria tão claro. (MÃE, 2018, p. 95).

Gertrudes era vista como um monstro, sem liberdade, sem lugar na sociedade, foi submetida a condições desumanas em consequência ao fogo que acenderam contra ela. As marcas presentes em seu corpo faziam com que as pessoas tivessem ainda mais medo.

É importante ressaltar que a perseguição alcançou o ápice quando acontecimentos estranhos passaram a acontecer: mortes de animais ou crianças, epidemias, pragas nas colheitas, mulheres com deficiência física ou alguma deformidade, até mesmo mulheres de aparência muito bela que eram acusadas de enfeitiçar os homens. Ou seja, tudo se tornava pretexto na busca de culpados para algo de ruim que acontecesse, e as *bruxas* que já possuíam uma má fama, passaram a ser culpadas por essas ações:

[...] o diabo precisasse ser convocado para justificar a operação, a menos que, pela demonização das bruxas, as formas de comportamentos toleradas ou vistas como normais no passado poderiam ser convertidas em odiosas e assustadoras aos olhos de uma população mais ampla de mulheres, para as quais a morte dessa figura servia como lição sobre o que esperar caso seguissem o mesmo caminho. (FEDERICI, 2019b, p. 54).

A inquisição as *bruxas* foi, portanto, um movimento político e religioso que teve como objetivo buscar o arrependimento daquelas pessoas que não eram compatíveis com os dogmas da Igreja Católica, como também uma forma de silenciar aqueles que contestavam as imposições do cristianismo, mais conhecidos como hereges. Federici (2017, p. 69) fala que “os hereges eram queimados aos milhares na fogueira e, para erradicar sua presença, o papa criou uma das instituições mais perversas jamais conhecidas na história da repressão estatal: a Santa Inquisição”. Os que eram tidos como os infiéis, eram pessoas revolucionárias que defendiam suas opiniões mesmo sofrendo riscos em altos níveis de tortura, andavam em contrapartida ao que as doutrinas pregavam.

Dessa forma, a caça às *bruxas* foi, de certa maneira, uma continuação à perseguição dos hereges na Santa Inquisição, sendo dessa vez as mulheres as mais perseguidas por serem as menos favorecidas com os cercamentos das terras e por usarem de seus conhecimentos naturais em troca de algo para sobreviver. As *bruxas*

também faziam parte da heresia, uma vez que não concordavam e se rebelavam contra as imposições. Federici (2019b) reforça que:

Junto com as “bruxas” foram eliminadas crenças e uma série de práticas sociais/culturais típicas da Europa rural pré-capitalista que passaram a ser vistas como improdutivas e potencialmente perigosas para a nova ordem econômica. [...] Nesse sentido, temos de pensar nos cercamentos como um fenômeno mais amplo que a simples separação da terra por cercas. Devemos pensar em um cercamento de conhecimento, de nosso corpo, de nossa relação com as outras pessoas e com a natureza. (FEDERICI, 2019b, p. 55)

A ruralidade foi o espaço inicial das *bruxas*, por isso possuíam tanta conexão com a terra. As instituições de poder não se preocupavam em proteger as pessoas dos supostos males que as *bruxas* causavam, mas sim porque as temiam e feriam seus interesses, sendo um deles o controle da reprodução feminina, em que os corpos das mulheres passaram a ser máquinas geradoras de mão de obra (no capítulo 2 será abordado de forma mais detalhada a questão da mulher enquanto órgão reprodutor). As mulheres foram alvos de diversas injúrias e difamações como forma de dividi-las e conseqüentemente enfraquecê-las, e assim tornando a liderança dos homens e da Igreja a mais correta e aceitável durante muito tempo. O novo código social e ético teve como alvo essas mulheres para causar pânico e histeria e fazer com que a população esquecesse de lutar em prol de melhorias de condições. Foi uma grande campanha que fez com que as pessoas normalizassem essa forma de julgamento e eliminasse diferentes formas de pensar:

Federici (2019b, p.57) destaca que foi assumido para as pessoas que a personificação do diabo era uma mulher, o que gerou grandes conseqüências para a figura feminina no mundo capitalista. A caça às bruxas ajudou a dividir as mulheres com a promessa que as salvariam da fogueira na intenção de fortalecer o poder masculino. As mulheres passaram a aceitar o lugar a elas designado, pois, uma vez que fossem associadas ao diabolismo, iam ficar marcadas para sempre a essa suspeita.

Não se pode afirmar que todas as *bruxas* eram vítimas, pois, muitas se aproveitavam da sua má reputação e passavam a ser inconvenientes como forma de conseguir aquilo que queriam e que precisavam. Como muitas foram submetidas a caridade, se alguém rejeitasse ajudá-las, passavam a ameaçar e amaldiçoar essas pessoas, porém, Federici (2019b, p. 52) pontua que “podemos [...] questionar se, por trás das ameaças e das palavras maldosas, não deveríamos captar um ressentimento

nascido da raiva pela injustiça sofrida, uma forma de rejeitar a marginalização”. Afinal, foram tomados dessas mulheres seu único meio de sustento e o que possuíam a “seu favor” a fim de conseguir ajuda para sobreviver, era utilizar da sua fama de *bruxa*, feiticeira e das suas artimanhas para conseguirem o necessário.

Federici (2017) destaca “um problema que se acrescenta a isso é que não contamos com o ponto de vista das vítimas, já que, tudo que restou das suas vozes são as confissões redigidas pelos inquisidores, geralmente obtidas sob tortura” (FEDERICI, 2017, p. 304). Como também através do livro *O martelo das Feiticeiras* mais conhecido originalmente como *Malleus Maleficarum* (1486), que foi escrito na Alemanha por Heinrich Kramer e James Sprenger no período da inquisição, mostrando a caça às *bruxas* pelo ponto de vista dos inquisidores e da Igreja. É um livro histórico que se tornou um dos mais cruéis manuais de tortura, revelando o pensamento opressor, misógino, conservador, patriarcal e tradicionalista da época, uma vez que expõe como identificavam uma *bruxa*, como julgavam e como matavam, além de expor também outras abominações a quem possuísse outras doutrinas que não fosse de caráter cristão. Nesse sentido, houve tentativa de apagar a história de milhares de mulheres por interesse do poder como forma de silenciá-las, apagando junto com elas a resistência ao capitalismo.

Ainda que no passando alguns estudiosos fossem contra a caça às *bruxas*, como uma forma de justificar tamanha barbaridade cometida, essas mulheres foram postas como “alucinadas”, “loucas”, “histéricas” e que toda essa história foi entendida como um “surto coletivo”. Federici (2017, p. 334) afirma então que “a caça às *bruxas* foi, portanto, uma guerra contra as mulheres; foi uma tentativa coordenada de degradá-las, de demonizá-las e de destruir seu poder social”. Uma vez que, esse ataque foi uma forma de apoderar, domesticar e subjugar as mulheres para benefício do Estado e sistema capitalista nascente.

A tentativa da degradação das mulheres está presente em todas as personagens femininas do romance. Não foi somente Gertrudes que foi desqualificada, inferiorizada e violentada, mas também: Ermesinda que aparece com frequência nessas condições; a mãe de Baltazar, que se quer lhe foi dado um nome; Brunilde, que por muito tempo foi ensinado a ela coisas que só eram destinadas a mulher; e quando se fala do corpo feminino e da sua sexualidade, aparece a Teresa Diaba, descrita como um animal com desejos insaciáveis e incontroláveis. As personagens de Mãe enfrentam uma realidade inventada por homens que causa

inquietação em cada leitor, mas elas representam juntas uma realidade que muitas mulheres enfrentaram. Valter Hugo Mãe faz com que o leitor sinta cada situação presente no romance, uma vez que as mulheres sofreram e sofrem até hoje com o pensamento patriarcal que foi construído desde a Idade Média.

3 A VIVÊNCIA DA PERSONAGEM GERTRUDES: REPENSANDO A BRUXARIA

Ao longo desta pesquisa, percebemos como a obra literária amplia as problemáticas enraizadas no contexto histórico, uma vez que, de acordo com Antonio Candido (2006, p. 84) a literatura é um sistema vivo e não fixo, em que o escritor e o público em contato direto com a obra, constroem diversos sentidos e significados, dão vida a narrativa, ao passo que, ampliam o conhecimento e tornam-se mais sensíveis e críticos com as questões sociais presentes na comunidade e as desigualdades que perpassam até os dias atuais. Segundo Candido (2006, p.146), apesar da literatura ser individual e única a vista de cada leitor, ela também se torna coletiva, visto que, necessitam de meios de expressão como palavras e imagens para fazer sentido e à medida em que cada pessoa se envolve na leitura, o leitor passa a dar vida e significado a obra.

É importante entender que a literatura contribui para o processo de transformação social, de modo que ela é também um mecanismo de comunicação e interação que se conduzem socialmente, pois, tem o poder de transmitir conhecimentos, valorizar determinada cultura, trazer críticas sociais de grande importância, ou seja, a literatura pode abrir diversas questões para refletir e discutir socialmente. Diante disso, *em o remorso de baltazar serapião* (2018), conseguimos observar diversos aspectos a serem discutidos e problematizados no decorrer das leituras e na construção deste capítulo. Sendo assim, trataremos uma abordagem crítico-analítica das questões medievais perante o corpo feminino na transição para o capitalismo e as consequências geradas por esse sistema econômico.

Dessa forma, este capítulo será dividido em duas etapas. Na primeira, iremos discutir como a Igreja Católica influenciou no pensamento coletivo de uma dada sociedade, ajudando a mitificar as mulheres como pecadoras e secundárias através da imagem de Eva, mediante a história da criação e do pecado original segundo a bíblia e como Maria influenciou na construção da figura feminina considerada ideal. Também trataremos sobre a questão do corpo feminino enquanto órgão reprodutor, em que na transição para o capitalismo e da privatização das terras, as mulheres foram as mais prejudicadas, perdendo o poder sobre seu próprio corpo.

Na segunda etapa, iremos trazer uma abordagem crítico-analítica a partir da perspectiva da personagem Gertrudes, mostrando suas formas de resistência enquanto mulher e *bruxa* na idade média em meio a tanta violência, e condições indesejadas em que as mulheres eram submetidas a viver por não ter outras opções consideradas adequadas. (Re)pensar a bruxaria como ato de liberdade, mesmo sofrendo sérios risco de tortura e morte por se rebelar contra o sistema feudal e patriarcal e utilizar da inteligência que muito era julgada e considerada duvidosa, é um ato de resistência e luta pelos direitos.

3.1 A construção do feminino na Idade Média de Valter Hugo Mãe: mulher e corpo

Na época medieval, a Igreja era a instituição social mais poderosa e representante da fé cristã, que ditava os valores e influenciava diretamente no comportamento e pensamento das pessoas. Portanto, ir contra esse sistema poderia gerar grandes consequências. Jacques Le Goff e Nicolas Troung (2006) em seu livro *História do Corpo na Idade Média* afirma que a mulher foi posta no lugar de subordinada através do poder da Igreja junto a Bíblia no momento em que na história, a mulher (Eva) foi criada através da costela do homem (Adão): “Da criação dos corpos nasce, portanto, a desigualdade original da mulher. [...] O ser humano é, portanto, cindido: a parte superior (a razão e o espírito) está do lado masculino, a parte inferior (o corpo, a carne), do lado feminino” (LE GOFF; TRUONG, 2006, p. 53). Nesse sentido, como desde a origem da sua criação o homem é sempre ligado a “razão” e a mulher a “emoção” deu-se a ele o poder de controlar o corpo feminino, fazendo com que a mulher fosse subalternizada e desqualificada. Os religiosos ainda utilizam o discurso da criação da mulher trazido na Bíblia como forma de justificar o dever e a obrigação de a mulher ser submissa ao homem.

É costume, no mundo medieval, pensar na mulher como submissa à figura masculina, tanto no âmbito familiar e do lar, quanto fora dele. A esfera clerical ajudou a propagar preconceitos contra as mulheres criando a ideia de que a figura feminina estaria ligada diretamente ao pecado, uma vez que na história da criação do mundo segundo a bíblia, Eva induziu Adão ao erro e como castigo condenou a mulher ao sacrilégio histórico. Houve também o fortalecimento da figura feminina ideal através de Maria, a mulher obediente, virgem, pura, mãe, misericordiosa, em contraste com Eva, a desobediente, pecadora, que induz ao pecado mortal enquanto Maria conduz

a salvação. Em *Malleus Maleficarum*, os inquisidores Kramer e Sprenger (1486) defendem a ideia da mulher sendo inferior ao homem utilizando como argumento a história da criação e do pecado original, ambos acreditam que a mulher “é mais carnal que o homem”, que tende a pecar como instinto natural, justificando que [...] “houve uma falha na formação da primeira mulher, por ter sido ela criada a partir de uma costela curva, ou seja, uma costela do peito cuja curvatura é [...] contrária à retidão do homem” (KRAMER, SPRENGER, 1486, p.168), fortalecendo a ideia da superioridade masculina durante muito tempo. No livro *O Homem Medieval*, Jacques Le Goff (1989) fala sobre a construção da mulher na Idade Média diante do sistema social e o seu lugar/papel na sociedade:

No esquema da sociedade trifuncional, a mulher não tinha qualquer lugar. Se, para os homens da Idade Média, existe uma categoria «mulher», durante muito tempo a mulher não é definida por distinções profissionais, mas pelo seu corpo, pelo seu sexo, pelas suas relações com determinados grupos. A mulher define-se como «esposa, viúva ou virgem». Foi a vítima das coacções que o parentesco e a família foram impondo à afirmação das mulheres como indivíduos dotados de uma personalidade jurídica, moral e económica. (LE GOFF, 1989, p. 21,22)

Sendo assim, é notável que as mulheres possuíam poucas alternativas em uma sociedade rendida aos homens, ainda que possuíssem algumas ocupações, nunca chegavam a uma posição de destaque, colocadas na maioria das vezes como ajudantes por serem incapazes de gerir outras esferas. É real que igreja foi a principal responsável por propagar o poder patriarcal como verdade absoluta, uma vez que, controlavam a educação, privando as mulheres de adquirir conhecimento, limitando a arte e a escrita para prevenir revoltas e questionamentos sobre o controle social. Michelle Perrot (2007) em *Minha Histórias das Mulheres*, expõe como a Igreja acreditava que “O saber é contrário a feminilidade. Como é sagrado, o saber é apanágio de Deus e do homem, seu representante sobre a terra” (PERROT, 2007, p. 91). Sendo assim, como a mulher era portadora do pecado, a sabedoria não poderia ser destinada a ela, já que Eva se entregou à tentação e foi castigada por isso, então todas as mulheres ficaram marcadas pela sua profanação.

Dessa forma, o esperado da mulher era que ela fosse um modelo de esposa ideal, obediente, compreensiva, cautelosa, casta, de poucas palavras e sempre ocupada com seus afazeres. Em *o remorso de baltazar serapião* (2018) o narrador autodiegético sempre reforçava esse estereótipo de mulher subordinada, ser de pouca sabedoria e sempre pronta para o marido a qualquer momento, algo normalizado pela

população naquele medievo recriado no romance. Em um diálogo onde Gertrudes expõe seu pensamento sobre casamento a Baltazar, o personagem diz: “mulher é ser de pouca sabedoria e nenhuma estabilidade, o que pensam hoje, amanhã não sabem. é perigoso que se ouça coisa que digam, assim te abdicó de proferires palavra [...] (MÃE, 2018, p.124). Um homem dar ouvidos a uma mulher, era praticamente impossível, uma vez que, para eles, as mulheres não possuíam sabedorias, só abriam a boca para fantasias fora da realidade e barafustar boca a fora segundo Baltazar, silenciá-las era só mais uma forma de mostrar o poder que possuíam caso sentissem que estavam sendo encurralados através de fatos e argumentos femininos. A mulher era obrigada a ser obediente e subordinada ao homem, posta sempre como sexo frágil e secundário incapaz de gerir outros âmbitos da vida que não o do lar. Le Goff e Troung (2006) afirmam como os homens se aludiam as mulheres naquela época:

Boa esposa e boa mãe, as homenagens que o homem rende à mulher assemelham-se, por vezes, a desgraças, se levarmos em conta o vocabulário corrente entre os operários e os artesãos do século XV, que falam de "cavalgar", "justar", "lavrar" ou "roissier" (bater e espancar) as mulheres. (LE GOFF; TRUONG, 2006, p. 55)

Grande parte dos homens referiam-se as mulheres como algo apenas para satisfazer as suas vontades e necessidades, meros objetos de prazer e reprodução e, por isso, possuíam total liberdade de puni-las da forma que desejassem caso elas fossem teimosas e desobedientes. É possível perceber em vários momentos da obra o poder que o homem possuía sobre o corpo feminino, Baltazar se espelhava nas atitudes do pai, reproduzindo com a esposa Ermesinda o que viu seu pai fazer por muito tempo com sua mãe.

A mãe de Baltazar, foi uma das personagens que mais sofreu no romance, não tinha muita visibilidade, uma vez que não possuía um nome e era rotulada apenas como mãe e esposa. Um dos momentos mais fortes da obra é quando o pai de Baltazar descobre através do curandeiro que a esposa estaria grávida. Afonso certo que o filho não teria a possibilidade de ser dele, logo começa uma série de torturas contra o corpo da companheira. Em vários momentos o pai de Baltazar viola o corpo colocando a mão a procura da criança enquanto “remexia as entranhas por diversas vezes” e todos os filhos observavam calados, pois, era direito do marido, afinal, ela era “sua propriedade” (MÃE, 2018, p. 84). No momento em que o curandeiro da família

confirma a gravidez, Afonso tomado pela raiva, acreditando em uma suposta traição, mata de forma extremamente perversa e brutal a esposa e o feto:

e foi no dia em que o povo se preparava para queimar mulher que se portava mal que o meu pai rebentou o braço dentro o ventre da minha mãe e arrancou mão própria o que alguém ali deixara. e gritou, serás amaldiçoado para sempre. depois estalou-o no chão e pôs-lhe pé nu em cima, sentindo-lhe carnes e sangues esguicharem de morte tão esmagada. e como se gritava e mais se fazia confusão, mais se apagava a minha mãe, rápida e vazia a fechar os olhos e corpo todo [...] (MÃE, 2018, p. 85).

O que mais chama atenção é que a morte da mãe de Baltazar acontece coincidentemente no dia do julgamento de Gertrudes. A mulher estigmatizada como *bruxa* que cansada de viver para o casamento, e sofrer nas mãos dos homens, mata os maridos, cujas condições de vida que proporcionavam não eram diferentes da que foi mencionada, e por cometer tal crime, foi condenada a fogueira como castigo e assim poder pagar os pecados cometidos. E o homem que violou, assassinou, torturou a esposa na frente de todos os filhos, teve total liberdade para invadir o corpo dela e matá-la junto ao feto e sair ileso da situação. É uma cena grotesca e chocante que faz perceber o que valia para o homem, não surtia o mesmo efeito para a mulher, os homens possuíam total liberdade para castigar as esposas da forma que desejasse sem sofrer nenhuma punição, bastava se justificar afirmando que a companheira havia cometido adultério ou se portado mal de alguma maneira.

Desse modo, é importante enfatizar que os homens foram criados para assumirem uma posição de poder, estimulados a terem atitudes agressivas com intuito de mostrar força e coragem perante as situações, enquanto as mulheres eram ensinadas e estimuladas a serem obedientes, passivas, dóceis, indefesas e assim sucessivamente. As mulheres eram obrigadas a casar assim que menstruavam pela primeira vez, pois era sinal que tinham se tornado “mulher feita”, perdendo a liberdade e tornando-se cuidadora do lar como dever e obrigação. Le Goff (1989) expõe que:

A mulher, muito jovem, casa com um homem que se aproxima dos trinta anos e o casal é separado por uma dezena de anos. A mulher é um ventre, vítima de uma elevada fecundidade que a faz passar grávida metade da sua vida, antes dos quarenta anos. O poder que lhe é concedido manter sobre a casa, em cujo centro se situa o quarto do casal, é uma fraca compensação. Senhora do espaço doméstico é a ecónoma da família. Sujeita aos seus deveres de esposa, obrigada a ser fiel ao marido e à sua autoridade. (LE GOFF, 1989, p. 22).

O fato da mulher casar muito jovem está ligada diretamente ao seu órgão reprodutivo que resulta no controle populacional. Quanto mais cedo e mais jovens as mulheres começassem a ter filhos, mais trabalhadores seriam gerados. Isso se deu em consequência dos cercamentos das terras comunais (que foram mencionadas no tópico 2.2 do capítulo 1 desta pesquisa). A expansão do capitalismo que teve como intenção a exploração do trabalho assalariado, em que a burguesia passou a tomar posse das terras e conseqüentemente transformou os camponeses em operários para benefício próprio, modificou altamente o cenário da população naquele período. Federici (2017) exhibe:

[...] a acumulação primitiva consistiu uma imensa acumulação de força de trabalho – “trabalho morto”, na forma de bens roubados, e “trabalho vivo”, na forma de seres humanos postos à disposição para sua exploração – colocada em prática numa escala nunca antes igualada da história. (FEDERICI, 2017, p.121)

Sendo assim, o capitalista possuía interesse na mão de obra do trabalhador, uma vez que, esse operário recebe um valor significativo, porém, a fatura produzida pelo seu trabalho só cresce e tende a acumular, o que gera mais benefício e riquezas para os senhores. Federici (2017, p.140) ressalta que os salários passaram a ser vistos como instrumentos de escravidão, uma vez que, o acesso as terras haviam chegado ao fim. No entanto, o que dizia ser uma troca justa entre trabalho e salário, torna-se uma relação desigual, onde quem gera o fruto é a mão de obra e quem colhe o produto resultante do trabalho é o capital. A necessidade de mais trabalhadores braçais, fez com que os corpos das mulheres fossem confiscados para o trabalho reprodutivo gerador de mão de obra, pois, quanto mais frutos os operários gerassem, mais riquezas se acumulavam.

Como já mencionado, as mulheres foram as mais prejudicadas com a privatização das terras, uma vez que, segundo Federici (2017) em *Calibã e a bruxa*, a acumulação primitiva ajudou nas diferentes divisões dentro da classe trabalhadora e na separação entre produção e reprodução, pois, houve uma hierarquização do gênero, colocando a produção para o mercado acima da reprodução feminina, limitando a mulher exclusivamente ao plano doméstico e é o que se pode perceber claramente na narrativa. As mulheres sempre limitadas ao plano privado, sendo silenciadas e vivendo a mercê dos homens, com a tentativa de enfraquecer e desqualificar a voz feminina para fortalecer ainda mais o poder masculino.

A autora destaca a questão do corpo da mulher enquanto órgão reprodutor, em que o capitalismo primitivo, no medievo, nasceu justamente do controle da reprodução feminina, os corpos das mulheres passaram a ser máquinas procriadoras de trabalhadores. As mulheres de forma desumanizadora passaram a ter mais filhos, uma vez que, seus senhores precisavam de mão de obra para trabalhos pesados e manuais nas terras. A reprodução feminina perdeu a credibilidade e passou a ser naturalizada na tentativa de invalidar e conseqüentemente baratear o trabalho reprodutivo como expõe Federici (2017):

[...] a importância econômica da reprodução da força de trabalho realizada do âmbito doméstico e sua função na acumulação do capital se tornaram invisíveis, sendo mistificadas como uma vocação natural e designadas como “trabalho de mulheres”. Além disso, as mulheres foram excluídas de muitas ocupações assalariadas e, quando trabalhavam em troca de pagamento, ganhavam uma miséria em comparação com o salário masculino médio. (FEDERICI, 2017, p. 145)

Percebe-se como o corpo feminino era o primeiro a ser atingido, sendo controlados em diversos âmbitos, como a destruição com o fogo, no caso de Gertrudes; o controle reprodutivo, que se relaciona com o que o pai de Baltazar fez com a esposa, violando o corpo da companheira arrancando o feto de maneira perversa; o corpo como objeto sexual, fazendo referência com a Teresa Diaba, tratada como um “bicho” e vista apenas como objeto para satisfazer as vontades dos homens, e várias outras maneiras de depreciação da mulher.

Por bastante tempo as mulheres foram submetidas a trabalho reprodutivo exaustivo, perdendo o direito do seu próprio corpo em troca de quase nada ou na justificativa de fazer por “amor” como forma de pagamento. Um trabalho muitas vezes não remunerado que colocava a mulher à mercê do homem, pois, era o único a possuir serviços assalariados. Houve uma mudança estrutural até mesmo da Igreja, para fazer com que a mulher passasse a ter mais filhos e em caso de ir contra as ideologias que eram impostas, eram chamadas de pecadoras, mulheres do diabo e vários outros termos e estereótipos.

Federici (2017, p. 46) também destaca que a desvalorização da mulher e do trabalho reprodutivo foi prejudicial para todos, pois como consequência, o produto (força de trabalho) acabou sendo também desvalorizado, só que diferente dos homens, as mulheres não possuíam salários, o que levou elas a degradação social, sendo forçadas à condição de pobreza, o que foi fundamental na acumulação de

capital. Por esse motivo as mulheres foram as mais prejudicadas, uma vez que, mesmo que a opressão de gênero existisse de outros modos, as mulheres podiam trabalhar no campo e colher o fruto do próprio trabalho, mudando totalmente o cenário depois da privatização das terras.

Em *O ponto zero da revolução*, Federici (2019a, p. 42) expõe que quando se fala de trabalho doméstico, não se fala de um trabalho qualquer, mas, de uma manipulação e uma “violência mais sutil” que o capitalismo reproduziu contra uma classe trabalhadora. A diferença do trabalho doméstico de uma ocupação qualquer, é a remuneração, a pessoa trabalha e recebe por isso, enquanto o trabalho doméstico foi imposto as mulheres como obrigação natural do gênero e não como um trabalho:

No entanto, não existe nada natural em ser dona de casa, tanto que são necessários pelo menos vinte anos de socialização e treinamentos diários, realizados por uma mãe não remunerada, para preparar a mulher para esse papel, para convencê-la de que crianças e marido são o melhor que ela pode esperar da vida. (FEDERICI, 2019a, p. 43).

Era isso que acontecia no antepassado e ainda acontece atualmente, uma sociedade que valoriza e acredita que para a mulher ser respeitada ela precisa ocupar os âmbitos que foram impostos como natural para elas, cuidar dos afazeres domésticos, dos filhos e do marido. E Mãe mostra em sua obra a realidade de muitas mulheres que tiveram seus corpos dominados por homens que se achavam no direito apenas por serem homens, uma realidade difícil de ser absorvida, porém necessária de ser mostrada.

No entanto, até hoje os trabalhos domésticos, realizados pelo corpo feminino e também os aspectos da reprodução, são uma ocupação ainda mais exaustiva, que demanda tempo, energia e vida, já que “agora esperam que tenhamos um trabalho assalariado, que continuemos a limpar a casa e a ter crianças e que, ao final de uma jornada dupla de trabalho, estejamos prontas para pular na cama e sermos sexualmente atraentes. (FEDERICI, 2019a, p. 58). Uma vez que no passado a mulher era cobrada por “somente” cuidar das crianças e dos seus afazeres domésticos, hoje a liberdade sexual foi concedida, porém, “seja em sua forma mais liberta ou em sua forma mais repressiva, nossa sexualidade ainda está sob controle” (FEDERICI, 2019a, p. 58). Já que, as mulheres ainda são julgadas, desvalorizadas, controladas, silenciadas, abusadas e mortas por crenças e ideologias que nasceram de uma sociedade patriarcal e permanecem até os dias atuais.

3.2 A bruxa Gertrudes: aceitação da alcunha, transformação e resistência

Outrora discutimos e analisamos algumas problemáticas envolvidas no romance que ajudou a fortalecer a personagem Gertrudes como um símbolo de resistência em meio a tanta violência e submissão em um período medieval cheio de mitos e crenças. Vários acontecimentos auxiliaram na associação da mulher a tudo que fosse de malgrado e que ferissem os valores impostos pelo clero e a nobreza. Mitificaram, desqualificaram, subalternizaram o sexo feminino para fortalecer o patriarcado, calando e destruindo mulheres que só almejavam a liberdade, respeito e direitos.

Sendo assim, nota-se que a Idade Média para as mulheres foi, na maior parte, um período difícil e infeliz, que colocou o sexo feminino como secundário e a mercê do poder masculino durante muito tempo. Georges Duby (2011) relata que a Idade Média era absolutamente masculina, pois as vozes que chegavam até ele e o informava eram vozes de homens “convencidos da superioridade do seu sexo” e que tinham medo delas e, para se tranquilizarem, as desprezavam (DUBY, 2011, p. 8). Esse comportamento, como mencionando anteriormente, acontecia e ainda resvala nos dias atuais, pois o homem foi ensinado a ser o sexo forte e estar sempre acima na hierarquia de poder, enquanto a mulher era posta como sexo frágil, que precisava de uma figura masculina para ter direitos e lugar na sociedade.

O comportamento agressivo e muitas vezes a violência física eram usados em muitos meios, principalmente no casamento. Os homens usavam da sua força para castigar as mulheres caso desobedecessem alguma ordem, demonstrando quem comandava através do poder de posse concedido a eles e assim subalternizando o sexo feminino. Dessa forma, as mulheres já eram silenciadas muito antes de se casarem, pois, não tinham liberdade de escolha, uma vez que, já haviam sido escolhidas e tomadas por algum homem, e foi o mesmo que aconteceu com Ermesinda, a escolhida para tornar-se esposa de Baltazar. O personagem alimentava os estereótipos impostos de que a mulher precisava ser submissa ao homem e demonstrava um comportamento extremamente machista e misógino, defendendo que após casar-se a esposa teria que viver apenas para ele:

eu teria espírito para proteger a minha mulher e lhe pôs freios. ela haveria de sentir por mim amor, como às mulheres era competido, e viveria essa ilusão, enganada na cabeça para garantir a propriedade do corpo. invadirei a sua alma, pensava eu, como coisa de outro mundo a possuí-la de ideias para que nunca se desvie de mim por vontade ou instinto, amando-me de completo sem hesitações nem repugnâncias. e assim me servirá vida toda, feliz e convencida da verdade (MÃE, 2018, p. 32).

A mulher era tida como algo que precisasse de “freio” ou que necessitasse de alguém para controlá-la, pois, possuía um instinto natural para o pecado, caso não tivesse um homem que a colocasse nos eixos, poderiam se desvirtuar por algum motivo, por isso, “A regra estrita era que as moças fossem entregues. Bem cedo” (DUBY, 2011, p. 37). A ideia de amor para a mulher era totalmente destinada ao homem, a mulher só ama e é feliz se destinar o resto da sua vida para servir o marido de todas as formas possíveis, mantendo-se fiel a ele, aos filhos e ao lar. O amor não como um sentimento de afeição por uma pessoa, mas como um ato de servir, de ser submissa aos poderes e prazeres masculinos, e assim convenciam as mulheres que esse era o verdadeiro significado do amor.

Diante disso, encontra-se também a ideologia do amor cortês, que segundo Duby (2011), é um tipo específico de amor que se propagou na Idade Média a qual um jovem, sem esposa legítima, idealiza a pessoa amada colocando-a em um plano quase inalcançável por ser uma mulher da corte e casada e, dessa forma começava uma espécie de “jogo amoroso” entre o cavalheiro que passava a cortejar a dama casada. O perigo era julgado como excitante, uma vez que, o adultério da esposa era considerado “a pior das subversões e ameaçava com castigos terríveis o seu cúmplice” (DUBY, 2011, p. 77), e assim, iniciava-se um torneio a qual o prêmio era a mulher cortejada, enquanto o jovem arriscava a vida em busca do prazer.

No entanto, enquanto para os homens o amor cortês era considerado um jogo amoroso de prazeres, para as mulheres de tornava um jogo de aprisionamento, silenciamento e ilusão, visto que, essa arte de amar e seduzir, não considerava as vontades e desejos femininos. Essa espécie de amor foi criada por homens da igreja que colocava em jogo os princípios femininos da época, reforçando a imagem da mulher pecadora, construída por Eva, que induzia o homem ao desejo carnal e consequentemente ao pecado.

Tudo se volta para a educação que Baltazar acreditava ser o correto para Ermesinda e colocava como imposição, mulher fiel, esposa ideal, calada e ocupada com os afazeres. Apesar de Dom Afonso estar acima de Baltazar na hierarquia de

poder, ele acreditava que o senhor a cortejava e a forma que Baltazar encontrou para que outros homens não sentissem atraídos por ela, foi desfigurá-la até torná-la irreconhecível e indesejável. Enquanto o adultério para a mulher era considerado um pecado mortal, para os homens era livre e normal. Gertrudes aparece para negar essas ideologias sobre o casamento e todos os estereótipos impostos ao sexo feminino. Em um diálogo com Baltazar, Gertrudes demonstra sua insatisfação perante os casamentos que já teve:

se mo perguntas to direi, mais marido tivesse mais o enterrava. e isso porquê. porque me deram todas as dores de mau grado, coisa de me terem desrespeito e ódio, postos em mim como bichos a toda hora. e tu com isso mulher, home de verdade consome-se de carnes, é normal. nada normal para mim que recuso a ser de homem, nada quero que homem algum me toque. e porque te casaste. sempre fui casada por pais ou homens que me mandassem, mulher solteira é má de vida e fica sem trabalho nem amizades. pois mulher minha apanha tanto quanto deve, até que ensine de tudo o que lhe digo. mal lhe dá que te queira, se te deixasse seria mais feliz. que sabes tu disso, se lhe dou correctivo e me ama acima dos erros que comete. acreditas nisso. acredito. (MÃE, 2018, p. 124).

Gertrudes não se conformava de viver submissa aos homens, de não ter sequer poder sobre o seu próprio corpo, cansada de tudo que já havia passado, decide matar os homens que já passaram por sua vida, fazendo-a sofrer, para viver sua “liberdade”. Esse ato de violência pode ser considerado uma autodefesa da personagem já cansada de tudo que era submetida a viver, uma violência contra outra já existente, e ela não demonstrava nenhum arrependimento, pois, uma vida sem liberdade de escolha, silenciamento, também o próprio corpo como objeto masculino ou o medo de acordar todos os dias sem saber se iria ou não estar viva, eram diferentes fogueiras que se acendiam e queimavam, fazendo virar cinzas seus valores e princípios.

Não era tão simples decidir não casar, não querer ter filhos, uma vez que, a mulher perderia os poucos direitos que ainda lhe restavam na sociedade. Baltazar aparece como a voz patriarcal e clerical, que impôs e normalizou cada ato de violência cometido contra as mulheres, afinal, o homem possuía livre arbítrio para isso e o personagem ainda reforçava que cada agressão que consumava, era uma forma de educar a esposa pelos “erros” que ela cometia. Quando um homem se sentia ameaçado por uma mulher através dos argumentos, automaticamente utilizava do seu poder para tentar silenciá-la: “[...] te abdicó de proferires palavra, só palavra de sobrevivência te refiro, resto disso nada. como queiras. como quero. peço perdão

(MÃE, 2018, p. 125). O medo da voz feminina, da inteligência e dos dons, fazia com que os homens temessem mulheres fortes, e destrató-las era uma forma de alimentar o ego ferido.

É importante enfatizar que para entendermos a relevância da personagem Gertrudes na narrativa e como ela se fortalece enquanto símbolo de poder e resistência, é preciso analisar as relações da personagem com os demais presente. Os personagens masculinos como Baltazar, Afonso Serapião, Dom Afonso e as demais vozes masculinas, aparecem para reforçar um período patriarcal, que foi feito e pensando exclusivamente para os homens, enquanto as mulheres eram obrigadas a viver exclusivamente no âmbito privado. Os saberes que Gertrudes possuía e as cicatrizes que o fogo acendido pela igreja deixou em seu corpo, reforçava a figura de *bruxa*, mulher diabólica que foi criada pelo poder como uma forma de silenciar essas mulheres. Era comum o medo que as pessoas possuíam diante delas:

sabes coisas de bruxa, disse eu a mulher queimada, espero que venda de alma não nos aconteça por nos amigarmos contigo. [...] tenho medo de falar tuas, já to disse, não acho que sejas pior do que outras mulheres, mas és diferente, e monstruosa como estás ainda mais me arrepia aquilo que digas. (MÃE, 2018, p. 128)

As pessoas achavam que o simples fato de conversar ou apenas se aproximar de uma *bruxa* estaria estabelecendo algum pacto com o diabo ou compactuando de alguma forma com seus atos. As *bruxas*, diferente das outras mulheres, eram perseguidas, pois, eram pessoas destemidas, que não só a sua imagem causava medo, mas também a voz. Em um momento Gertrudes indaga Baltazar o motivo dele ter tanto medo das mulheres, em sua resposta, ele acredita que elas procuram a “irrealidade como falta de inteligência”, ou seja, imaginam e criam coisas fora da realidade que Deus disponibilizou para todos e inventar está fora do alcance. Gertrudes responde que:

é que às mulheres deus dá conhecimento de algo que não dá aos homens, como a concepção e como sentidos intuitivos para saber de acontecimentos antes de lhos dizerem. por isso lêem olhos e sinais imperceptíveis que os homens não conseguem ver, como se tivesse forças sem nome a montar sobre tudo que facilmente se conhece. isso é conversa de bruxa. bruxa ou não, mulher alguma precisa de feitiço para saber coisas que só a ela compete. dizes isso a envio do diabo, cala-te, já te disse que seges calada ou ficas em berma que te ponha cão raivoso ou lobo feroz em cima. (MÃE, 2018, p. 129)

É fato que para um homem naquele período acreditar ou levar em consideração o que uma mulher dizia era algo quase impossível. Não era possível Deus dar conhecimento, dons e inteligência as mulheres se para eles Deus havia condenado elas ao erro eterno, uma vez que descendiam da pecadora Eva e tinham o poder de levar os homens ao mau caminho e o único meio de não se desvirtuarem era se tivesse uma figura masculina ao lado para colocá-las nos eixos. Gertrudes estava sempre tentando provar através das suas falas que as mulheres não eram esse ser maligno que haviam construído e passado adiante através da igreja pelo imaginário coletivo. Mas um ser como qualquer outro, que possuía sentimentos, saberes, vontades, inteligência e que possuía capacidade para gerarem outros âmbitos além do doméstico. Apesar de Baltazar tentar silenciá-la mais uma vez como de costume, Gertrudes reforça seu argumento indagando-o sobre sua mãe:

que dizia tua mãe das mulheres. nada que te interesse. a tua mãe saberia coisas impressionantes, tenho a certeza, afastada pelas pessoas da dignidade a que tinha direito, acusada de não parir os seus filhos em favor de uma vaca e sabes que mais, a sarga tem coisas também, os olhos dela falam, só não consigo entender. (MÃE, 2018, p. 130).

A mãe de Baltazar como já mencionado, foi uma das personagens femininas que mais sofreram, porém, mostra a realidade que muitas mulheres eram submetidas por não haver escolha nem opções, já que, o futuro destinado a elas era, na maioria das vezes, o mesmo. Na obra de Mãe (2018), quando uma mulher aparece em cena, é como louca, animalizada, subalternizada, diabólica, desqualificada, até mesmo o mugido da vaca Sarga aparece acima das vozes femininas na hierarquia de poder construída na obra. A vaca aparece como um confidente de tudo que os rodeiam, principalmente para as mulheres. Como Gertrudes diz “os olhos dela falam”, é como se ela estivesse sempre disposta a contar ou denunciar algo que só ela conseguia enxergar.

Segundo Jeffrey B. Russell (2019) em *História da bruxaria*, ressalta que as bruxas eram retratadas nas histórias populares como “mulheres selvagens” mais próximas da cultura folclórica, representando a “rusticidade agreste da natureza em contraste com o mundo da humanidade civilizada” (RUSSELL, 2019, p.49). Sendo assim, de acordo com o autor, o significado atribuído as bruxas era que elas apresentavam uma força sobrenatural em que uma pessoa normal não era capaz de se defender e por isso ameaçavam diretamente a ordem social. Não era diferente do

que Baltazar acreditava e que muitas outras pessoas foram influenciadas a pensar devido a propagação desse mito mediante a cultura pagã: “a mulher queimada ligava-se ao inferno, tinha domínios desnaturais a permitirem-lhe capacidades de mais proveito que a força de mil homens” (MÃE, 2018, p. 130). Acreditava-se que as *bruxas* como Gertrudes estariam acima deles por possuir “poderes de natureza impossíveis” e por isso se tornavam uma ameaça por não conseguir se defender caso lançassem algum tipo de maleita, magia, feitiço, praga, porém, isso foi o que se propagou para as pessoas com o intuito de causar medo e revolta, fazendo com que as pessoas seguissem e não se desvirtuassem do que a religião pregava como correto.

Gertrudes é um exemplo muito próximo da *bruxa* descrita na Idade Média. A mulher que possuía saberes e dons naturais, que queria ser livre e não depender de um mundo feito para os homens para poder viver com um pouco de dignidade. Gertrudes já em negação ao patriarcado, cansada de tentar provar para Baltazar e para os outros que as mulheres também tinham capacidade de pensar, ela fala que um dia iria provar para ele que “dotes de mulher” não eram somente “devaneios de loucas incursões” e que um dia, quando percebe-se, iria aprender a valorizá-las, talvez por desencargo de consciência por tanto mal que já havia feito. Preocupado com o que foi dito, indaga se isso seria uma praga, ela responde que era só umas verdades que ele precisava ouvir.

Baltazar, cansado dos argumentos de Gertrudes, decide abandoná-la enquanto dormia e segue viagem somente ele e Aldegundes. Ao chegar no destino final, por acreditar que Gertrudes havia lançado um feitiço contra ele por tê-la abandonado, fica isolado enquanto o rei disse trazer uma *bruxa* poderosa para quebrar o feitiço. Para surpresa dos irmãos, a *bruxa* dita era a própria Gertrudes, a mulher queimada que eles haviam abandonado no meio do caminho:

e eu recuei e amedrontei o aldegundes que recuou e percebeu e nada dissemos. disse ela, mal vos fizeram para grande obra de vos matar, cântaro assim suga-vos alma para os confins do mar. que dizes, mulher, perguntei. que verteis alma como tontos para o fundo do mar, onde se amarfanham todos os espíritos em memória de dilúvio. ao tempo da água voltais, para morrerdes iguais ao primeiro fim do mundo. (MÃE, 2018, p.153).

No trecho acima, nota-se algumas simbologias utilizadas por Gertrudes. De acordo com o dicionário dos símbolos², a simbologia da palavra mar atribui-se a

² DICIONÁRIO de símbolos. Significado dos símbolos e Simbologias, 2008. Disponível em: <<https://www.dicionariodesimbolos.com.br/mar/>> Acesso em: 31 ago. 2022

“propriedade divina de dar e tirar a vida” simbolizando também “o mundo e o coração dos homens, onde nele “alguns se afogam e outros conseguem cruzá-lo”. Gertrudes menciona também o dilúvio, que aconteceu, segundo a bíblia, porque a terra estava corrompida da maldade do homem. Mais adiante ela ainda diz: “o mar dentro da cabeça, é o que dá o som do espírito, o som da alma [...] o mar tem poderes de incorporar a alma se mesclado com ela se faz” (MÃE, 2018, p.153). Sendo assim, o feitiço lançado por Gertrudes pode ser entendido como uma autodefesa, uma vez que cansada de ser tão atacada, de sofrer tanto, que resolveu adotar o título de *bruxa* como uma maneira de se proteger.

Diante do que já foi exposto, pode-se entender também que a ideia do feitiço está mais envolvida na cabeça de quem recebe, do que propriamente em quem lança, ou seja, como na energia da pessoa, a maneira de viver e toda maldade já perpetuada, “afogando-se” nas próprias atitudes. A mente humana quando fixada uma ideia, é uma maleita que degrada o ser humano aos poucos, como um feitiço. Se realmente acreditar que aquilo é verídico, então mesmo que não seja, torna-se a ser. Essa ideia, casa-se também com o remorso que Baltazar passa a sentir no final, tanta maldade foi feita que sua mente passou a castigá-lo por tamanhas atrocidades.

Dessa forma, percebemos como a personagem Gertrudes se fortaleceu durante o seu percurso, do momento da sua chegada, em que passa pelo julgamento, resistindo, renascendo e se renovando através da sua força com a ajuda da natureza perante o fogo acendido pela igreja. As cicatrizes deixadas por uma cultura patriarcal, mas que no fim consegue se reerguer ocupando um lugar de poder ao lado do rei, que reconheceu sua força, seus dons naturais, seus saberes e deu a ela o devido valor que tanto procurava, provando o que havia dito um pouco antes a Baltazar, que os saberes femininos não eram “loucuras e devaneios” de mulheres, e que se fossem um pouco mais valorizadas, poderiam chegar a lugares incríveis.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, a partir das leituras feitas e das problemáticas discutidas em torno do romance *o remorso de baltazar serapião*, de Valter Hugo Mãe (2018), observamos que a narrativa possui vários jogos e metáforas os quais o leitor precisa absorver aos poucos. Porém, com a sua escrita em minúscula, configura-se um desafio no qual o leitor é provocado a sair do estado de passividade por se deparar com uma irrealdade construída, porém real, mas que as pessoas se negam a enxergar e por ser uma obra contemporânea, a leitura causa revolta e indignação, no entanto, necessária.

Em vista disso, o que mais nos despertou interesse, foi a personagem Gertrudes que carregava consigo a história de milhares de mulheres que foram julgadas como *bruxas*, sendo torturadas e condenadas à morte por serem mulheres fortes, inteligentes que almejavam liberdade e respeito. Gertrudes foi uma das poucas, se não a única personagem construída na narrativa por Mãe, que não aceitava a cultura machista e patriarcal e por isso cometeu atos de autodefesa para tentar se proteger dos homens que tentavam controlá-la.

Gertrudes foi condenada à fogueira como *bruxa*, porém conseguiu resistir ao fogo acendido contra ela. Se rebelar contra os dogmas religiosos gerou consequências que deixou marcas não apenas no seu corpo, como também cicatrizes psicológicas irreversíveis, uma vez que, a personagem não aceitava ter uma vida ligada somente a marido e filhos e almejava sua liberdade de escolha. Porém, para ter lugar na sociedade, foi obrigada pelo pai a passar pelo casamento até não aguentar mais sofrer nas mãos dos homens e tomar medidas para se proteger.

Para entendermos a relevância de tais aspectos que rodeiam a narrativa foi necessário partirmos de uma perspectiva para a concretização do trabalho. Foi fundamental entendermos como a personagem Gertrudes torna-se um símbolo de poder e resistência na época medieval ao apoderar-se do título de *bruxa*, e a partir dessa visão, foi significativo elaborarmos uma análise mais aprofundada onde o aporte teórico utilizado foi de grande contribuição para que a pesquisa fosse concretizada. Porém, essa foi apenas uma leitura possível entre tantas outras e que ainda tem muito o que ser pesquisado.

Desse modo, concluímos que nossas perguntas e objetivos foram atingidos, pois, notamos que a personagem Gertrudes se tornou um símbolo de poder e resistência, uma vez que, apoderou-se do título de *bruxa* e utilizou dos seus

conhecimentos e dons para se fortalecer perante uma sociedade machista e patriarcal que condenava as mulheres à morte por não seguirem os valores e princípios impostos pelo cristianismo e patriarcalismo. A Igreja se escondia atrás dos princípios morais religiosos, afirmando que só queria o bem das pessoas, como uma maneira de fortalecer e evidenciar a figura masculina, fazendo com que a voz patriarcal permanecesse no poder por muito tempo e desqualificar as mulheres era uma forma de silenciá-las caso tentassem se rebelar contra o poder hegemônico da época.

Gertrudes saiu de uma fogueira e mesmo com alguns percalços no caminho, conseguiu atingir um lugar de poder ao lado do rei, e mesmo que o absolutismo não seja o sistema político mais valorizado, ou talvez o mais ideal, compreende-se a simbologia nos excertos, pois, fortalece a personagem e comprova que as mulheres também conseguiam ocupar outros âmbitos além do privado, desmitificando o que foi atribuído a figura feminina por bastante tempo.

Analisar a história das *bruxas*, seus aspectos e como foram construídas através do tempo, foi de fato desafiador, uma vez que, as vozes que ecoam são dos inquisidores que realizaram uma verdadeira chacina contra mulheres inocentes, e mesmo que não fossem, nada justificaria tamanha barbaridade cometida. Por isso, é importante discutirmos sobre o passado, uma vez que mesmo que com o tempo algumas práticas de punição tenham enfrentado algumas mudanças, como a forca, a fogueira e as torturas. No entanto, ainda hoje são presenciados alguns atos de extermínio e anulação feminina. Muitas são as notícias de mulheres que foram violentadas, estupradas, espancadas, esquartejadas, mulheres sendo privadas de terem espaço para a sua voz na política, no trabalho, em casa, ou seja, na sociedade em geral. As mulheres foram forçadas a carregar um peso da história de séculos atrás e ao que parece, está longe de acabar se não discutida e problematizada.

Diante disso, a literatura é um instrumento da linguagem que provoca o leitor a encarar uma realidade social que muitos se negam a enxergar, por isso a importância de discutir e ampliar as temáticas presente em cada uma. O objetivo do trabalho foi também desmitificar, através da personagem Gertrudes, o estereótipo de *bruxa* que foi criado pela Igreja e repassado através do imaginário popular. O machismo e a misoginia ajudaram a acender a fogueira da Inquisição, condenando milhares de mulheres *bruxas* à morte por causa do medo e da repulsa. Porém, foram elas que deram início e ajudaram no processo para retirar a mulher do lugar de inferioridade, uma vez que representavam a negação e lutavam contra o sistema

político-econômico que dominava no período, e foi contra essas mulheres que o sistema articulou o controle e a destruição, dando início a caça às *bruxas* para tentar silenciá-las de alguma forma.

Dessa forma, podemos afirmar que a caça às *bruxas* foi uma tentativa de desqualificar e demonizar a fala e as ideias das mulheres. Uma estratégia de desumanização para que o homem passasse a tutelar e fazer com que as mulheres não tivessem autoridade contra o modo de vida instituído por eles, mas não porque consideravam inferiores, e sim por serem vistas como portadoras de poderes e saberes inexplicáveis, por isso as temiam tanto. A aversão e o ódio contra as mulheres que as levaram à fogueira na Idade Média, são os mesmos afetos que hoje levam ao feminicídio. Sendo assim, a luta da mulher do tempo presente é uma continuidade da antepassada, que luta todos os dias na tentativa de combater os preconceitos que ainda rodeiam o gênero feminino na iniciativa de inferiorizá-las.

Diante disso, nossa intenção é que os estudos referentes aos escritos do luso-angolano Valter Hugo Mãe deem continuidade e possam ser cada vez mais ampliados. A nossa pesquisa torna-se relevante em meio a tantas outras por ser uma temática pouco abordada, retratando especificamente a vida de uma mulher/*bruxa* em uma Idade Média recriada. Desejamos também através da nossa pesquisa que a literatura contemporânea, especificamente a portuguesa, possa se expandir causando fascínio e admiração para ainda mais pessoas, assim como as demais obras do escritor Valter Hugo Mãe. Diante disso, descobrimos em *o remorso de baltazar serapião* uma personagem de personalidade forte que simbolizou muitas mulheres dos séculos passados com a história semelhante, conhecendo a história das *bruxas* pelo ponto de vista feminino e não somente da perspectiva masculina e dos mitos perpetuados.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, J. A. (1988). **Leituras: O Intervalo da Literatura**. *Linha D'Água*, (5), 22-32. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2236-4242.v0i5p22-32>.

CANDIDO, A. **Literatura e sociedade**. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CHEVALIER, Jean-Claude; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. 21ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007.

DICIONÁRIO de símbolos. **Significado dos símbolos e Simbologias**. 2008. Disponível em: <<https://www.dicionariodesimbolos.com.br/mar/>> Acesso em: 31 ago. 2022

DUBY, Georges. **As Três Ordens, ou o Imaginário do Feudalismo**. Tradução: Maria Helena Costa Dias. 1ª ed. Lisboa: Estampa, 1982.

DURÃO, Fábio A. **Reflexões sobre a metodologia de pesquisa nos estudos literários**. In: DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada. [S. l.], v. 31, n. 4, 2015. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/22230>.

EAGLETON, Terry. Personagem. In: **Como ler literatura**. Porto Alegre: L&PM, 2019.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa**: mulheres, corpo e acumulação primitiva. São Paulo: Editora Elefante, 2017.

FEDERICI, Silvia. **Mulheres e caça às bruxas**: da Idade Média aos dias atuais. CANDIANI, Heci Regina (trad.). 1º ed. São Paulo: Boitempo, 2019.

FEDERICI, Silvia. **O ponto zero da revolução**: Trabalho doméstico, reprodução e luta feminista. São Paulo: Elefante, 2019.

HOUAISS, Antônio e VILLAR, Mauro Salles. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro, Ed. Objetiva, 2009

KRAMER, H. & SPRENGER, J. **O Martelo das Feiticeiras**: Malleus Maleficarum. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020. (Tradução de Paulo Fróes)

LE GOFF, Jacques. **O homem medieval**. Lisboa: Editorial Presença, 1989.

LE GOFF, Jacques, TRUONG, Nicolas. **Uma história do corpo na Idade Média**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

MÃE, Valter Hugo. **o remorso de baltazar serapião**. 2º ed. Rio de Janeiro: Biblioteca Azul, 2018.

MALVA, Pamela. **Mima Renard, a imigrante francesa acusada de bruxaria no Brasil**. AH Aventuras na História. 2020. Disponível em: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/mima-renard-imigrante-francesa-acusada-bruxaria-no-brasil.phtml>> Acesso em: 30 ago. 2022.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. (Trad. de Angela M. S. Corrêa). São Paulo: Contexto, 2007.

RUSSELL, Jeffrey B. **História da bruxaria**. (Trad. de Álvaro Cabral, William Lagos). 2ª ed. São Paulo: Aleph, 2019.